

AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES

ABBI GLINES

KIRO
E
EMILY





KIRO
E
EMILY



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ABBI GLINES

KIRO
E
EMILY



Título original: *Kiro's Emily*
Copyright © 2014 por Abbi Glines
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com a editora original,
Atria Books, divisão da Simon & Schuster, Inc.

tradução: Cássia Zanon preparo de originais: Raquel Sodré revisão: Hermínia Totti e Suelen Lopes capa: Equatorium Design

imagens de capa: Zoonar RF/ Thinkstock/ Getty Images e-book: Marcelo Moraes

Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G476k

Glines, Abbi

Kiro e Emily [recurso eletrônico]/ Abbi Glines; tradução de Cássia Zanon. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: Kiro's Emily

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-610-7 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia.

II. Título.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

**16-
35094**

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meus leitores

14 de fevereiro de 1992

Emily

Ver outras mulheres nuas não era algo de que eu gostasse. Nem um pouquinho. Assistir a outras pessoas fazendo sexo também não. Não que eu já tivesse visto. Até então. Mas eu não podia culpar ninguém além de mim mesma por isso. O que eu estava testemunhando era culpa só minha. Seria impossível tirar isso da cabeça.

Eu me encostei ainda mais na parede do canto da sala e fechei bem os olhos para me concentrar em descobrir uma maneira de escapar dali. Só que o pornô ao vivo na minha frente não estava ajudando a minha concentração. Eu estava ocupada demais tentando não vomitar.

Não que eu fosse puritana. Quer dizer, eu ainda não havia transado, mas queria, um dia, com o cara certo. A cena que eu estava sendo obrigada a testemunhar não era de forma alguma o que eu desejava. Nunca.

Claro, aqueles caras estavam se tornando deuses do rock. A banda deles, a Slacker Demon, havia acabado de receber o disco múltiplo de platina e o mundo os amava. Vinham liderando a lista de maiores sucessos da *Billboard*, uma revista especializada de grande repercussão, com uma música atrás da outra. Além disso, três dos cinco integrantes eram realmente lindos, com um estilo *bad boy*. As mulheres se atiravam em cima deles.

A mais fanática era minha prima Sonya. Desde o começo, ela era louca pelo baterista, Dean Finlay. Ele era bonito, isso eu admitia, mas, pelo que eu estava vendo naquela noite, não era bem isso que Sonya queria. Com certeza não.

Não importava quanto aqueles homens fossem lindos e famosos, nenhuma mulher deveria querer uma trepada casual com eles. Além disso, deviam ter doenças. Eu tinha visto tantas mulheres de joelhos na frente deles naquela noite que nem parecia real.

Sonya não concordava. Ela sempre chamou atenção. Mesmo quando éramos pequenas. Os cabelos louros compridos e os olhos azuis enormes com cílios imensos eram só o começo. Sonya tinha mais de 1,75 metro, pernas longilíneas e bronzeadas e peitos maravilhosos que havia comprado com a grana que ganhara na formatura da escola. Nossos avós tinham dado 10 mil dólares a cada uma na esperança de que investíssemos o dinheiro com sabedoria e o usássemos para começar a vida.

Eu investi o meu com a ajuda do meu avô. Sonya usou o dela para colocar peitos tamanho GG.

Tentei encontrá-la no meio da multidão, mas ela havia desaparecido desde que eu a vira paquerando o baixista, Trac Trace. Ele não era dos mais bonitos, mas tinha talento.

Eu não tinha me dado conta de quanto era talentoso até vê-lo tocar nas últimas quatro apresentações da turnê da banda. Por que eu assistira aos últimos quatro shows da turnê? Porque eu amava minha prima, e ela precisava de mim. O pai de Sonya havia acabado de deixar a mãe dela para viver com outro homem, e ela estava muito mal. Quando falou que precisava cair na estrada e se afastar de toda a confusão em casa, eu disse que iria junto.

Então agora eu era uma groupie que se escondia nos cantos de olhos fechados. Esta era a primeira noite em que realmente conseguíamos entrar na festinha particular da banda. Sonya havia dormido com vários caras para chegarmos até ali. Eu havia passado muitas noites esperando por ela escondida nas sombras, segurando com força a minha latinha de spray de pimenta. Mas esta noite eu estava estabelecendo o meu limite. Não podia continuar fazendo isso. Queria voltar para a Carolina do Sul.

– Está tudo bem com você? – perguntou uma voz masculina rouca, perto o bastante para eu sentir o calor da respiração dele.

Meus olhos se abriram de repente e eu olhei direto nos olhos de um cara que não conhecia. O cabelo era comum, assim como as roupas. Também notei que o hálito dele não fedia a álcool.

– Sim – respondi, observando-o atentamente.

Embora ele não parecesse estar bêbado nem drogado, eu não o conhecia. Não ia confiar nele ainda.

Ele me observou por um instante, como que para ter certeza de algo, e então sorriu.

– Você não parece estar se divertindo – disse, olhando para a orgia maluca que rolava na nossa frente.

– Não exatamente.

Ele apoiou a mão na parede ao meu lado e inclinou o corpo na direção do meu. Isso não era bom sinal. Dei um passo para trás e fiquei observando-o para garantir que ele não fizesse nenhum movimento repentino.

Ele riu.

– Posso perguntar por que você está aqui? Não é exatamente fácil chegar neste lugar. A maioria das garotas se esforçou para conseguir isso.

Jogar conversa fora também não estava na lista de coisas que eu queria fazer, mas bater papo com aquele cara era melhor do que assistir ao festival do amor.

– A minha prima queria entrar. Ela tem beleza suficiente para ser notada. Eu só estou aqui esperando por ela.

Os olhos escuros do cara percorreram meu corpo, pairando sobre lugares que eu preferiria que ele ignorasse. Cruzei os braços sobre o peito num gesto de autoproteção.

Quando seus olhos voltaram ao meu rosto, fiz uma careta.

– Você poderia ter entrado sozinha. Posso garantir – disse ele.

Quem era ele e por que estava me incomodando? Eu me afastei um pouco mais e fiquei com os olhos fixos no chão.

Mas essa situação não durou muito. Um barulho alto me chamou a atenção e levantei a cabeça para ver o que estava provocando os risos e os gritos.

Parado no meio da sala, usando apenas uma calça comprida de couro com a cintura na altura dos quadris, estava o vocalista da Slacker Demon, o homem mais lindo que eu já tinha visto: Kiro Manning. Seus olhos azuis eram impressionantemente claros. Os braços fortes e a barriga tanquinho eram cobertos de tatuagens coloridas. E havia ainda os cabelos, compridos o suficiente para serem presos em um rabo de cavalo. O que ele fazia com frequência.

O problema era que ele também era o maior galinha da banda.

O sorriso em seu rosto, naquele momento em que ele exigia a atenção de todos na sala, era muito safado. Não havia outra palavra para descrevê-lo. Kiro sabia que era desejado e adorava isso.

– Quebrei a droga da garrafa de vodca. Preciso de outra – anunciou, estendendo a mão e chamando com um dedo uma ruiva que vestia apenas uma calcinha fio dental.

Ela correu até ele, que a segurou com o braço e pousou a palma da mão em seu seio. Foi quando desviei o olhar. Precisava admitir que tinha minhas próprias fantasias em relação a Kiro Manning sozinha no quarto à noite. Vê-lo acariciando outra mulher certamente destruiria isso.

– Vai me conseguir outra garrafa? – perguntou ele.

Não olhei em sua direção. Fiquei concentrada nas minhas próprias mãos.

– É melhor eu pegar uma bebida para ele – sussurrou o cara, saindo do meu lado.

O barulho recomeçou. Eu nunca sairia dali. Havia um limite para as coisas que eu faria por Sonya. Naquela noite eu cruzara essa fronteira. Eu ia encontrá-la e nós iríamos embora. Estávamos em um camarim atrás do palco. Ela não podia se perder. Eu só precisava enfrentar a situação e passar pelos corpos nus.

Minha mãe havia me alertado sobre fazer essa viagem. Eu não a escutara e agora pensava que deveria ter dado mais atenção aos conselhos dela. Aquilo estava se tornando um pesadelo. Levantando a cabeça, examinei a multidão novamente, evitando olhar na direção de Kiro, para o caso de ele estar transando com a garota sem blusa. Eu adoraria conseguir manter minhas fantasias intactas.

Eu varria a multidão de corpos com os olhos em busca de Sonya, sem me deixar focar no que todos estavam fazendo. Quando cheguei ao fundo da sala, vi a parte de trás da cabeça loura de minha prima. Ela se jogava em cima de um cara. Os dois estavam apenas se beijando, mas ele havia levantado a saia curta dela e segurava seu bumbum. De onde eu estava, pude ver que ela atraía a atenção de Trac: reconheci os nós dos dedos tatuados dele. Gravar permanentemente “Fuck Yeah” nas próprias mãos me parecia uma imbecilidade, mas ele era roqueiro. O bom senso provavelmente passara longe de sua decisão.

Eu realmente não queria interrompê-los, mas a vontade de ir embora foi mais forte. Eram quase duas da manhã e eu me sentia exausta. Também estava cansada de ficar escondida em um canto.

– Sonya! – chamei por cima do barulho.

Ela ficou tensa, mas logo voltou a agarrar Trac.

– Sonya! – chamei mais alto, deixando claro que eu não iria embora se ela me ignorasse.

Desta vez, ela se afastou dele para respirar e olhou furiosa para mim por cima do ombro.

– O que foi?

Sua expressão estava absolutamente irritada. Ela havia conseguido ficar com um dos integrantes da banda e eu estava atrapalhando.

– Desculpe, mas está tarde. Quero ir embora.

– Não está se divertindo, querida? – A voz rouca era de Trac.

Os cabelos louros dele também eram compridos, mas tinham uma aparência mais desgrenhada. Não olhei para ele. Mantive os olhos fixos em Sonya.

– Estou ocupada – sibilou ela, como se não pudesse acreditar no que eu estava fazendo. Será que eu poderia simplesmente deixá-la ali? Seria seguro? Provavelmente não.

– Ei, calma. Não seja tão malvada – disse Trac, afastando Sonya gentilmente e vindo em minha direção.

Olhei para ele e me dei conta de que poderíamos ter problemas.

– O que está havendo, linda? Ninguém está fazendo você se divertir?

Dei um passo para trás e ele sorriu. Olhei de novo para Sonya, suplicante. Ela, no entanto, estava olhando para Trac com olhos ardentes. Droga!

– Não sei como deixamos você passar. Eu conheço os meus garotos: se eles tivessem visto você ao menos uma vez, todos nós estaríamos brigando agora, tentando decidir quem entraria nessa calça jeans.

Ele estendeu a mão e deslizou um dedo lentamente pelo meu braço.

Ele era um cretino. Certamente Sonya tinha visto aquilo e agora estava pronta para ir embora. Poderíamos voltar para casa no dia seguinte.

– Emily, você precisa ir embora. Agora! A gente se vê amanhã.

A voz de Sonya estava seca e mal continha sua fúria. A expressão de advertência em seus olhos bastou para que eu entendesse que ela não me queria melando o seu programa. Não se importava com o fato de ele estar dando em cima de mim descaradamente. O que ela estava pensando?

– Eu não posso deixar você aqui – comecei a dizer, mas ela me interrompeu.

– Pode, sim.

Enroscou os braços ao redor de um braço de Trac e pressionou o peito contra ele. Sussurrou alguma coisa no ouvido do roqueiro, cujos olhos eu ainda podia sentir em mim.

– Não quero que você vá embora – protestou Trac, desvencilhando-se de Sonya e diminuindo a distância entre nós dois. – Não sei nem se já vi olhos dessa cor. São alucinantes para caramba.

Ele levantou a mão e segurou meu rosto. Saltei rapidamente para trás e o sorriso dele se abriu.

– E, caramba, ela é um doce – disse, como se fosse o que ele mais queria no mundo.

O cara era maluco.

– Vá embora, agora! – gritou Sonya para mim.

Foi quando decidi que, por mais que a amasse, eu não me obrigaria a enfrentar esse tipo de situação. Trac me deixava nervosa e ela estava furiosa comigo. Sonya deveria ter ficado irritada com ele, mas não, estava brava comigo.

Dei meia-volta e segui apressada em direção à porta, me espremendo entre os corpos no caminho. Se não estivesse tão zangada com Sonya, me preocuparia com ela. Aquilo era uma idiotice. Por que ela iria ficar ali?

De relance, vi Dean Finlay e sua bunda nua. Não ia me dar ao trabalho de olhar com mais atenção para ver exatamente o que ele estava fazendo.

Sonya estava desperdiçando seu tempo com aquilo.

– Não me deixe, linda. Vou ser bonzinho. Eu juro! – gritou Trac.

Virei para ver se Sonya estava me seguindo. Mas, não. Era Trac quem vinha atrás de mim. Ah, droga!

KIRO

Tomei um gole de vodca e olhei para baixo enquanto a ruiva – opa, não! Era uma loura – abria o zíper da minha calça jeans. Eu não sabia direito aonde a ruiva tinha ido. Ah, espera, nooossa!, os peitos da loura eram enormes. Falsos, mas e daí? Eram imensos.

– Não me deixe, linda. Vou ser bonzinho. Eu juro! – implorou Trac enquanto passava me empurrando.

Com quem ele estava gritando, afinal? Olhei para ver aonde ele ia e meu olhar vidrou no instante em que a vi. Caramba!

Dei um passo à frente, mas a loura de joelhos estava no meu caminho. Empurrei suas mãos para o lado e a contornei.

– Vou ser bonzinho. Só converse comigo – insistiu Trac, alto o bastante para todo mundo ouvir.

Ela arregalou os olhos e eu me dei conta de que era com a morena maravilhosa que Trac falava. Não gostei disso. De onde ela havia surgido? Eu nunca a vira antes, certamente me lembraria dela.

Ela não estava vestida como as outras mulheres. O jeans e o suéter se ajustavam bem ao seu corpo. Não precisava exibir tudo o que tinha para chamar atenção. Os lábios rosados perfeitos eram tão carnudos que faziam um homem sonhar com eles tocando a sua pele. A aparência era perfeita, mas, caramba, foi aquela expressão inocente em seus olhos que me atraiu.

Ela não devia estar ali. Mas estava e eu ia ficar com ela, cacete! Trac podia desistir. Todas elas me queriam. Eu era o primeiro prêmio. Não precisava competir com os outros. Essa morena seria minha naquela noite.

Estava quase chegando junto quando ela deu meia-volta e partiu apressadamente na direção da saída. Merda! Corri atrás de Trac, dando um empurrão nele, que tropeçou e caiu junto à parede, enquanto eu passava por ele.

Ouvi quando ele xingou e me chamou de “cretino filho da mãe”. Não dei a mínima. Trac teria que superar. Aquela era minha. Talvez eu a comesse duas vezes.

O guarda na porta me viu chegando e se postou diante da saída, mantendo-a no camarim. Ela pediu que ele se afastasse com o mais doce sotaque sulista que já ouvi na vida. Caramba!

– Eu só quero ir embora. Ninguém nem se importa que eu esteja aqui, posso garantir. Só entrei por causa da minha prima. É ela que eles querem.

A prima dela? Putz, seria melhor do que ela?

O guarda olhou para mim e ela se virou para ver para quem ele estava olhando. Pude sentir o

arfar dela no meu pau. Cacete, ela era gostosa!

Ia embora o caramba! Estava tendo dificuldade para escolher uma para levar ao hotel esta noite, mas havia encontrado um grande tesouro. Aposto como ela tem um cheiro delicioso também. E que é bem apertadinha.

– Você vai embora sem dizer oi? – perguntei, dando o sorriso que me fazia pegar mulheres antes mesmo de me tornar um astro do rock.

Ela respirou fundo de novo, seu rosto era absurdamente expressivo. Pude ver surpresa, choque e confusão, tudo misturado naqueles olhos lindos. Imaginei como eles ficariam no momento em que eu a fizesse gozar. Eu descobriria isso.

Quando ficou claro que ela não falaria, dei mais um passo em sua direção e deslizei um dedo pelo seu rosto, só para confirmar se a pele era tão macia como parecia ser. Era mesmo, cacete! Então ela estremeceu.

– Você tem um nome, princesa? – perguntei, surpreendendo a mim mesmo.

Eu jamais perguntava nomes. Apenas chamava todas de princesa. Era mais fácil.

– Eu só... eu preciso... eu estava saindo. Preciso ir embora – gaguejou, apontando por cima do ombro na direção da porta que meu segurança ainda bloqueava.

Trac a havia assustado? Era melhor que o cretino desgraçado não a tivesse amedrontado. Ela era como aquelas bonecas de louça lindas em que não podemos tocar, pois correm o risco de se quebrarem.

– Mas você não pode ir embora ainda. Nós não nos conhecemos – eu disse, deslizando a mão até o quadril dela, passando pela cintura minúscula.

Eu precisava disparar minha carga naquela bunda.

– Eu só estou aqui com a minha prima. Eu não... quer dizer... não sou uma convidada. Só entrei por causa dela. Como ela já está se divertindo, estou indo embora.

Que doçura. Meu Deus do céu, ela era um doce. Como uma mulher podia ter essa aparência e ser tão meiga? Esse tipo de coisa não acontece.

– Você é uma convidada agora. É minha convidada – informei. Estendi a mão para que ela segurasse. – Venha comigo. Podemos ir a algum lugar tranquilo, onde pode me contar tudo sobre você.

Ela começou a sacudir a cabeça.

– Ah, não. Isso não... eu só preciso ir embora. Estou cansada.

Eu não conseguia fazer nada além de encará-la. Não sabia como lidar com essa situação. Ela estava me rejeitando. A mim. Ninguém nunca me dizia não. Jamais. Aquilo era um joguinho? Tanta doçura não passava de fingimento? Será que ela conseguia o que queria bancando a difícil e provocando um homem com aquele corpo gostoso em roupas que apenas davam uma pista do que havia por baixo? Porque, se fosse isso, era brilhante. Eu a queria. Imediatamente. O joguinho estava funcionando.

Sorri e dei mais um passo na direção dela. Se recuasse, ficaria pressionada contra o segurança. Então ela seria minha. Era ou eu, ou ele. Baixando a cabeça, rocei os lábios em sua orelha e inspirei. Cara, ela cheirava a mel.

– Quero você nua embaixo de mim. Está funcionando, princesa. Agora está na hora de ceder.

Seu corpo ficou tenso e ela parou de respirar. Esperei que inspirasse de novo enquanto subia o nariz por seu pescoço, enlouquecendo ao constatar como ela cheirava bem.

– Não. Eu não faço isso – disse, parecendo sem fôlego. – Eu só quero ir embora.

Levantando a cabeça, olhei em seus olhos e, desta vez, vi medo. Era verdadeiro. Ela estava com medo de mim. Por que estava com tanto medo de mim, puxa? A inocência em seus olhos era real. Berrava que aquela mulher era para ser vista, mas não tocada.

– Por favor – implorou ela baixinho. – Por favor, me deixe ir embora.

Eu adorava que as mulheres implorassem para mim. É verdade que eu adorava ouvi-las implorar pelo meu pau. Ou me pedir que as fodesse com mais força. Mas aquilo... aquilo me deixou com o peito apertado. Caramba, eu ia deixá-la ir embora. Porque ela disse “por favor”. E ela estava falando sério, porra!

Olhei para o segurança parado diante da porta. Era um dos muitos que viajavam conosco.

– Cuide para que ela chegue em casa bem – ordenei e o segurança assentiu com um leve aceno de cabeça.

Então olhei novamente para a beleza intocável à minha frente. Ela estava certa. Não deveria estar ali. Não podia fazer parte daquilo. Eu não me despedi, porque não pretendia chamá-la de princesa de novo. Eu chamava assim as garotas que eu comia.

Antes que eu mudasse de ideia, dei meia-volta e retornei para junto das pessoas. Havia muitas morenas ali que eu poderia usar naquela noite. Mas seria aquele rosto angelical que eu veria quando fechasse os olhos.

EMILY

Sonya não havia voltado. Passei a noite toda acordada esperando, tentando me acalmar e dar a ela tempo de despertar e retornar para o hotel ainda com as marcas da noite. Tomei um banho, vesti roupas limpas e comi duas das barras de cereal que guardávamos na mala para economizar com café da manhã. Nosso orçamento era bem apertado. Seguir uma banda não era nada barato.

Andei de um lado para outro no quatinho do hotel e fiquei olhando para a porta, desejando que a maçaneta girasse. Mas, ao meio-dia, sem sinal de Sonya, entendi que precisava pagar por outra noite de estadia e ir atrás dela. O que significava mais gastos, já que ela estava com as chaves e o carro. Eu havia voltado para o hotel de limusine na noite anterior.

Por causa de Kiro Manning. Meu coração disparou com a lembrança de sua voz profunda e sexy tentando me convencer a ficar na noite passada. Seus olhos eram ainda mais estonteantes de perto. Todas as fantasias que eu havia tido com ele me passaram pela mente quando me tocou no quadril e no rosto.

Quando seus lábios roçaram minha orelha, senti o corpo inteiro incendiar. Precisei reunir toda a força e bom senso para sair por aquela porta. Mentalizar as imagens dele apalpando várias mulheres sem blusa e de loura entre suas pernas foi o que me ajudou a não derreter sob aquele olhar.

Não. Eu não iria pensar naquele homem. Ele não era para mim. Ele era mulherengo, nada além disso! Eu estava saindo e Trac me chamou de volta. Foi só por esse motivo que ele prestou atenção em mim. Eu havia sido facilmente ignorada até então.

Precisava encontrar Sonya. Essa era minha única preocupação. Depois, voltaria para a minha casa na Carolina do Sul, com ou sem ela. Talvez, após a noite passada, minha prima, já tendo provado um pouco daqueles homens, estivesse pronta para ir embora.

Caminhava na direção da porta do quarto quando o telefone tocou. Devia ser alguém da recepção me dizendo para tirar minhas coisas do quarto. Estava na hora do check-out. Atendi o telefone, pronta para explicar a situação.

– Alô...

– Emily – disse Sonya bocejando. – Preciso que você arrume as nossas coisas, pegue um táxi e venha para cá.

O quê? Ir para onde? Onde você está? Você está com o carro... por que não pode vir até aqui?

– Porque – disse ela baixando a voz – estou na cobertura do Grand. Com toda a banda. Todos eles.

Sentei na cama tentando processar o que ela dizia. Ela estava em uma cobertura com todos eles? Isso queria dizer que ela havia...

– Trac voltou para mim ontem à noite e acabei vindo para o hotel com eles. Daí o Dean Finlay me comeu em cima do bar, depois Dash e eu ficamos aos amassos no sofá até desmaiarmos. Quando acordei, Kiro estava sentado em uma cadeira bem na minha frente, parecendo a mais maravilhosa criação do planeta. Ele perguntou meu nome e de onde eu era. E aí me convidou para passar o dia com eles hoje. Eles só vão embora amanhã. Então, pegue suas coisas e venha para cá.

Sonya ia dormir com todos eles? Ah, meu Deus! Eu não queria estar lá quando ela transasse com Kiro. Ele fazia parte do meu mundo de fantasias. Depois da noite passada, eu não queria arruiná-las.

– Ahn... vou só reservar mais uma noite aqui. Você é que foi convidada para ficar, não eu. Então, vou ficar por aqui. Você... você... está usando proteção, não está?

Sonya soltou um gemido de frustração. Não entendi por que havia ficado tão irritada. Eu só estava preocupada com a segurança dela.

– Eu preciso das minhas coisas – disparou ela.

Droga! Tudo bem.

– Posso levar até aí se não quiser vir buscar. Mas eu gostaria que você...

– É só trazer as minhas coisas. Eu preciso delas. Você pode voltar para o hotel e ficar aí. Não me importo. Mas não vou deixar você estragar esse momento. Foi por isso que quis fazer esta viagem! Eu preciso disso – sussurrou.

Sonya tinha três malas. Carregar tudo sozinha não seria fácil. Normalmente, eu carregava a minha e uma dela, enquanto ela carregava as outras duas. Eram grandes e as rodinhas de uma simplesmente não funcionavam.

Ela havia passado por muitos percalços nos últimos dois meses e, se isso a deixaria feliz, eu faria.

– Está bem. Tudo bem. Eu levo para você. Mas pode pelo menos me encontrar no saguão? É difícil carregar tudo sozinha.

Ela suspirou.

– Claro. Eu me encontro com você lá embaixo em trinta minutos.

Ela desligou.

Olhei para o telefone na minha mão e me perguntei o que eu havia feito para irritá-la. Eu tinha dito que levaria as malas para ela. Embora ela estivesse agindo de maneira degradante, eu não havia sequer tocado no assunto.

Depois de arrumar todas as coisas de Sonya e descer com as três malas, passei mais dez minutos tentando conseguir um táxi. Havia me sobrado vinte dólares. Esperava que essa quantia bastasse para me levar até o Grand, mas eu precisaria que Sonya me desse mais dinheiro para cobrir o trajeto de volta ao hotel.

Passei o caminho todo observando o taxímetro e respirei aliviada quando o total ficou em

quinze dólares e dez centavos. Paguei ao taxista com meus vinte dólares e, ao receber o troco, dei-lhe uma gorjeta de dois.

Quando desci do táxi, notei que o hotel era muito diferente do nosso. Imediatamente, um funcionário descarregou as três malas, sorrindo para mim enquanto as levava até a porta. Fiquei aliviada por não precisar fazer força para levar toda aquela bagagem para dentro.

– Fazendo check-in? – perguntou.

Quase dei risada. Aquele lugar estava muito além das minhas possibilidades. Balancei a cabeça.

– Não. Mas estou trazendo estas malas para a minha prima. Ela vai passar a noite com um hóspede... ou uns hóspedes daqui. Eles estão na cobertura.

Olhei ao redor.

– Ela deveria estar me esperando aqui embaixo.

A surpresa nos olhos dele era evidente. Ele devia saber quem estava na cobertura.

– Não posso deixar você subir lá. É preciso uma chave especial para ir até aquele andar. Você tem como ligar para a sua prima?

Olhei mais uma vez ao redor no saguão em busca de algum sinal de Sonya. Ela não estava lá. Não queria pensar no que poderia tê-la atrasado.

– Eu, ahn, será que você não poderia ligar lá para cima e perguntar o que eu devo fazer com as malas? Não me importo de deixá-las, mas quero ter certeza de que ela sabe que estão aqui e que pode vir pegá-las.

O olhar do cara havia baixado pelo meu corpo, mas subiu rapidamente para o meu rosto quando falei.

– Sim, claro. Espere aqui – disse ele.

Assenti com um aceno de cabeça, ficando parada ao lado da bagagem enquanto ele ia até o balcão da recepção.

Se Sonya queria tanto as malas, poderia ao menos ter ficado ali esperando por mim. Então me dei conta de que eu estava sem dinheiro. Droga! Precisava pegar algum com ela, ou ficaria presa ali. Olhei para o mensageiro e me perguntei se ele se importaria de pedir à minha prima que descesse. Antes que eu pudesse decidir como lidar com a situação, ele havia desligado o telefone e vinha em minha direção.

Tinha um ar divertido enquanto pegava um carrinho de bagagem.

– Fui instruído a levar você e as malas lá para cima – ele me informou, indicando com a mão para eu seguir à frente dele. – O elevador privativo para a cobertura é por aqui.

Por que eu devia subir? Eu precisava de dinheiro, mas não queria ver Kiro de novo. Será que ele se lembraria de ter topado comigo na noite anterior? Trac se lembraria? É quase certo que não. Eles estariam sóbrios e eu não seria alguém que tivesse chamado a atenção deles naquele breve encontro. Havia muitas meninas lá. E eles muito provavelmente haviam dormido com várias delas depois que eu fui embora.

Não discuti. Fui até o elevador. Se Sonya precisava que eu subisse, eu subiria. Fiquei surpresa que ela tivesse pedido isso, já que parecera tão irritada comigo ao telefone.

O mensageiro passou um cartão e o elevador se abriu. Entrei e ele veio atrás de mim. A

imensidão do ambiente me surpreendeu. Era também muito elegante e não parecia nem um pouco com um elevador.

- De que parte do Sul você é? – perguntou.
- Carolina do Sul – respondi.
- Gosto do sotaque – comentou ele sorrindo.
- Obrigada.

Não soube ao certo o que responder. Ele não parecia ser de Chicago. Mas não quis perguntar de onde era, caso fosse dali.

O elevador abriu dando para um pequeno hall com duas portas à nossa frente. Era isso. A cobertura ocupava todo o último andar do hotel. Nossa! O rapaz me deixou seguir em frente, mas eu não fui até a porta. Como estava me encarando, olhei para ele. Parecia esperar por mim. O que eu deveria fazer? Bater na porta?

Nem pensar!

- Ahn, eles não me conhecem. É melhor eu não bater.

A ideia de um Kiro Manning sem camisa abrir a porta me apavorava.

O cara pigarreou.

- Sr. Manning atendeu o telefone e pareceu saber quem você é. Ele a descreveu perfeitamente.

O quê? Devia haver algum engano. Como ele sabia quem eu era? Mesmo que se lembrasse da noite anterior, ele nem desconfiava de que Sonya era minha prima. Trac viu que nós duas estávamos juntas, mas estava tão alto que não se lembraria disso para contar a Kiro.

- Ainda quer que eu toque? – perguntou o mensageiro ao ver que eu continuava parada.
- Por favor – pedi.

Ele sorriu e assentiu com a cabeça, então deu um passo à frente e tocou a campainha. Não era preciso bater – claro, um lugar como esse tinha campainha.

Uma das portas imensas se abriu e eu preendi a respiração, esperando ver Sonya ali. Mas foi Dean quem apareceu. Suspirei aliviada. Sabia que ele não me reconheceria.

- Pediram que eu trouxesse as malas e a moça lá de baixo – disse o mensageiro.

Dean assentiu com a cabeça e fixou os olhos em mim. Inclinou um lado da boca em um meio sorriso, balançou a cabeça e resmungou “merda” antes de dar um passo para trás para deixar o rapaz passar com as malas.

- Você primeiro – disse o mensageiro.

– Tenho certeza de que não me querem aqui. Eu só preciso falar com Sonya por um instante. Em seguida, irei embora – expliquei rapidamente.

Dean ergueu as sobrancelhas e deu uma risada.

– Nem pensar! – resmungou ele desta vez. – Querida, se você não entrar, acho que teremos um problema. E eu não estou a fim desse tipo de confusão hoje.

O que ele queria dizer? Sonya estava causando problemas? Esperava que eles não achassem que eu podia lidar com ela. Eu não tinha qualquer controle sobre minha prima. Aquela situação era prova disso.

- Venha e me poupe o incômodo – disse fazendo um gesto para eu entrar.

Eu não tinha medo de Dean. Ele não me deixava nervosa, embora tivesse percorrido meu

corpo com os olhos de uma forma que me fez sentir exposta. Fui na direção dele e esperei que isso não se tornasse um problema.

Dean se inclinou para perto de mim e inspirou quando passei. Não olhei para ele. Apenas continuei caminhando pelo hall. Os olhos do mensageiro estavam em mim. Ele parecia preocupado, como se não tivesse certeza de que deveria me deixar ali. Eu não queria que me deixasse. Preferiria que esperasse.

– Isso é tudo – disse Dean, ainda segurando a porta. Ele queria que o cara fosse embora. – Ela está bem. Mas, se você não sair, talvez você é que não fique bem.

O rapaz ficou tenso e me deu um aceno de cabeça antes de pegar o carrinho e sair.

Depois que fechou a porta, Dean se virou para mim.

– Você trepou com o Kiro ontem à noite?

Eu não esperava por aquela pergunta. Simplesmente fiquei ali parada, olhando fixamente para ele. Por que teria me perguntado aquilo?

– Merda! Você não trepou com ele – concluiu Dean, balançando a cabeça. – Caramba, querida, isso vai dar merda.

– Hã? – balbuciei, finalmente, tentando entender o que ele dizia.

– E se eu dissesse que queria arrancar sua calça jeans, abrir suas pernas e lambar você todinha?

Ai, meu Deus! Ele não pode ter dito isso! Eu precisava ir embora. Precisava do meu mensageiro de volta. A situação não estava nada boa. Eles achavam que eu estava ali para fazer o que Sonya fazia. Balancei a cabeça e tentei elaborar um plano de fuga.

– Merda! Não é fingimento! – sibilou Dean, como se estivesse furioso. – Caramba, menina! O que você estava fazendo perto daquela festa ontem à noite? Você parece estar prestes a desmaiar só porque eu falei em lambar você. Uma garota como você não pertence a este mundo.

Dean estava me deixando confusa. Finalmente consegui falar.

– Eu só preciso pegar um dinheiro com a minha prima. Se você puder chamá-la, eu vou embora. Não posso voltar ao hotel sem um táxi. Fica a meia hora de carro daqui e acho que não consigo caminhar tanto assim. Se ela estiver, ahn... ocupada... só preciso de um minutinho do tempo dela. Só isso.

Dean me olhou fixamente enquanto eu falava, então esfregou as têmporas antes de suspirar.

– Você não está entendendo – disse, enfim.

– Não estou entendendo o quê? – perguntei.

– Quantos anos você tem? – quis saber ele, examinando meu rosto atentamente.

– Vinte – respondi, sem saber por que isso tinha alguma coisa a ver com tudo aquilo.

Ele começou a dizer outra coisa, mas fechou a boca. Eu o observei transpor a grande passagem arqueada à esquerda.

– Venha comigo.

Eu não queria dar nem mais um passo para dentro daquele lugar, mas se ele estava me levando para Sonya, eu iria. Precisava de dinheiro para ir embora. Afinal, sem dinheiro, ficaria presa ali.

Entramos em uma área de estar com dois grandes sofás bege e uma imensa lareira de

mármore. O fogo estava aceso e o calor tomava conta do ambiente.

– Olá, Emily – disse uma voz gutural e amigável, me fazendo parar.

Ele sabia meu nome. Sentado num canto da sala em uma poltrona grande com os pés apoiados na mesa à sua frente, estava Kiro Manning sem camisa. Os cabelos úmidos, formando cachos ao redor do pescoço. Não me permiti olhar para o peito dele. Seus penetrantes olhos azuis me incendiaram.

– Olá – respondi, mas minha voz saiu num sussurro.

Sorriu. Ele achava que eu havia ido até ali por causa dele?

– Venha se sentar aqui comigo – disse, me examinando de cima a baixo. Ele acreditava que eu estava ali por causa dele.

– Eu, ahn, a minha prima está aqui. Achei que ela estivesse... com você. Ou que você a tivesse convidado para ficar. Eu trouxe as malas dela. Preciso pegar dinheiro com ela para voltar ao meu hotel.

Kiro acariciou o queixo com a barba por fazer e apertou o lábio inferior com o polegar. Aquilo foi sexy. Eu lembraria muito daquela imagem quando estivesse na cama à noite.

– Não convidei sua prima porque queria ficar com ela – disse ele, largando as pernas no chão e ficando de pé. – Não a trouxe para cá na noite passada porque queria ficar com ela.

Ele deu a volta na mesa e seguiu na minha direção.

– Ela não está fazendo joguinho, cara! Ela corou, gaguejou e ficou em pânico quando eu disse que queria lamber ela todinha. Essa porra dessa inocência não é fingida! – resmungou Dean para Kiro.

Kiro olhou para Dean parecendo irritado. Ou melhor: ele parecia furioso.

– O que você disse a ela?

– Ela não é o que eu imaginava. Ela parece a Branca de Neve, cara! Foi um teste e ela passou. Essa garota é a Branca de Neve. Enfie isso na sua cabeça pervertida. Ela não é o seu tipo, Kiro.

Dean dera um passo na direção dele, de modo que os dois se encaravam, como se quisessem arrancar a cabeça um do outro.

– Fique fora disso! – A voz de Kiro estava ficando mais alta.

Dean olhou para mim e depois para Kiro. Os dois continuaram se estranhando, então Dean resmungou um palavrão e saiu da sala pisando forte, deixando nós dois sozinhos.

Dean não me deixava nervosa. Eu queria que ele voltasse.

As narinas de Kiro se alargaram, mas ele relaxou antes de se virar novamente para mim. Ficamos ali parados em silêncio, nos encarando. Eu não sabia o que ele estava fazendo ou pensando. Eu só sabia que Kiro Manning me assustava e me excitava ao mesmo tempo. Eu não tinha ideia de como lidar com ele nem com meus sentimentos.

– A sua prima está aqui porque, ontem à noite, quando você saiu por aquela porta, eu coloquei Trac contra a parede. Eu queria saber o seu nome. Ele também não sabia, mas conhecia a sua prima.

Eles haviam trazido Sonya para cá por minha causa? Com a intenção de me atrair para a cama de Kiro? Ah, meu Deus! Então era sobre isso que Dean estava tentando alertá-lo.

Eu não ia dormir com ele. Não era uma das groupies dele. Eu não era como Sonya. Mas Kiro

não estava escutando.

– Eu não sou como ela – disparei.

Um sorriso de prazer surgiu em seus lábios, que eram mais do que atraentes: pareciam deliciosos.

– Não, não é – respondeu ele.

Ele não estava entendendo. Tentei mais uma vez.

– Não sou uma groupie. Sou uma fã. Gosto da sua música. Vocês são muito talentosos. Mas o fato de eu gostar das suas canções não significa que eu vá dormir com você.

Kiro se aproximou mais de mim e me fez recuar até me encostar na parede. Os olhos dele estavam fixos nos meus lábios.

– Você é uma fã, é? – disse ele com uma voz rouca, baixa e grave.

KIRO

Juro por Deus que, se ela morder o lábio, eu avanço nessa boca. Doce demais.
Ela prendeu a respiração.

– Você precisa respirar, meu anjo – sussurrei, abaixando a cabeça para cheirar a pele dela de novo.

Que pele doce!

– Eu só preciso... eu vim trazer as malas da, ahn... eu trouxe as malas da... minha prima – gaguejou ela.

Eu a estava deixando nervosa.

– Você não trouxe as suas malas? – perguntei, me inclinando para trás para olhar para ela. Eu tinha dito à prima que queria Emily aqui. Se Emily viesse, a prima poderia ficar.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Eu, ahn... eu vou ficar no hotel onde estou hospedada. Eu não faço... as coisas que Sonya faz.

Mas ela pensava nisso, caramba! Pelo menos comigo. Ela lutava contra isso, mas seus olhos a denunciavam. Bem ali, naquele olhar arregalado e inocente, pude ver a atração que ela sentia por mim. Trac disse que ela o havia dispensado. Eu poderia ensiná-la a relaxar. Com as coxas abertas e a minha cabeça entre suas pernas, ela perderia aquela timidez rapidinho.

Senti o tesão se avolumar. A ideia dela me dizendo para lambê-la enquanto agarrava meus cabelos com os punhos cerrados era excitante para caralho. Eu nunca havia pegado um anjo e ansiava por isso. Queria muito comer aquele anjo.

Levantei a mão e segurei seu rosto.

– Maravilhosa! – exclamei, mais para mim mesmo.

Porque ela era exatamente isso. Como aquelas malditas bonecas. Puta merda, eu ia ficar de pau duro toda vez que visse uma daquelas bonecas de agora em diante.

A ponta da língua rosada dela saiu para umedecer os lábios, então eu desisti de tentar convencê-la a fazer o que eu queria. Eu desejava aquela boca. Então a beijei.

Lambi seus lábios fechados até ela entreabri-los levemente, dando acesso suficiente para eu mergulhar, saboreando cada pedacinho doce de sua boca. O corpo dela se inclinou na direção do meu e suas mãos agarraram meus ombros. Mas nada foi tão excitante como o instante em que a língua dela tocou a minha. Gemendo com o toque suave e tímido, agarrei sua cintura e a puxei junto a mim. Corpinho gostoso, todo cheio de curvas. Aquela bunda nua e aqueles peitos. Meu Deus, tomara que os peitos sejam de verdade.

– Que merda é essa? – gritou uma voz feminina e, embora eu pudesse ignorá-la, Emily não conseguiu.

Seu corpo enrijeceu e ela arrancou as mãos dos meus cabelos. Afastou a boca da minha e me encarou como se tivesse acabado de cometer um crime.

– Emily, o que você está fazendo? – perguntou a outra garota.

Não gostei nem um pouco da forma como ela se dirigiu a Emily. Também não gostei do fato de que estava com Emily toda doce e suave em minhas mãos e aquela garota havia ferrado com tudo.

– Eu estava... eu vim, e você não estava...

Emily estava nervosa. Que droga! Aquela vaca não iria deixá-la daquele jeito.

– Se quiser ficar, pode tratar de tirar o bedelho daqui e deixar Emily em paz, porra! – alertei, olhando furiosamente por cima do ombro enquanto mantinha o corpo de Emily contra a parede, nas minhas mãos.

Os olhos da garota me fuzilaram e pude ver que não ia ser fácil. Que se dane! Ela ia sair dali.

– Saia daqui! – rugi, voltando a olhar para Emily.

Ela estava me encarando. Não dizia nada, mas todas as suas emoções estavam ali, à mostra, naquele rosto lindo.

– Eu preciso ir com ela – disse Emily, afinal, a voz soando como um sussurro novamente.

– Não – protestei, deslizando a mão por suas costas e puxando-a contra mim. – Você precisa ficar comigo.

– Sério? – interrompeu a prima. – Você foi atrás do Trac ontem à noite, Emily, mas mesmo assim fui eu quem trepou com ele. E agora você vai atrás do Kiro. Eu é que vou transar com ele também. Você não faz ideia de como fazer um homem feliz.

Ela se virou para mim.

– Acredite, você está perdendo seu tempo. Ela é sem noção. Ela não pode fazer você gozar, mas eu posso.

Então se aproximou por trás de mim e passou as mãos pela minha bunda, agarrando meu pau duro.

A expressão de Emily era a de alguém que havia sido agredida fisicamente. Ela fechou os olhos com força, como se isso fosse fazer tudo desaparecer. Ter Emily em meus braços e seu corpo macio junto ao meu enquanto alguém me acariciava por trás era uma sensação boa, mas não o bastante para suportar o que aquela vaca estava fazendo.

Dean entrou na sala, assistindo à cena com uma expressão de desaprovação no rosto. Ele estava preocupado com Emily. Como se eu fosse magoá-la. Eu seria gentil. Iria amá-la até ela gozar no meu rosto, na minha língua e muitas vezes no meu pau antes que o dia acabasse.

A garota atrás de mim esfregava os peitos nas minhas costas e beijava meu pescoço.

– Tire essa mulher de perto de mim antes que eu perca o controle! – berrei.

Dean se mexeu rapidamente, puxando a garota para longe. Peguei Emily nos braços e segui para o quarto em que havia dormido na noite anterior. Era a única cama em que a vagabunda da prima dela não havia trepado. Eu não ia colocar aquele anjo em lençóis sujos.

– O que você está fazendo? – perguntou Emily.

– Saindo de perto da sua prima maluca. Eu quero você sozinha.

Emily não respondeu imediatamente. Abri a porta do meu quarto com um empurrão e a fechei atrás de mim com um chute, então segui a passos largos na direção da cama para soltá-la. Ela sentou e se afastou de mim.

– Sonya tinha razão. Não sei como fazer isso. Não faço essas coisas. Eu disse para você que não sou como ela.

O pânico em sua voz fez com que eu me sentisse culpado, mas também me deixou furioso. Ela estava tranquila e doce nos meus braços até a maldita prima chegar falando merda.

– Eu não estou pedindo para você fazer nada que não queira, meu anjo. Só quero essa boca de novo.

Inclinei-me sobre ela e lhe dei um beijo suave nos lábios.

– Você gostou disso, não gostou? Deixe eu provar esta boca.

Continuei sendo gentil. Então, Emily se derreteu.

Quando sua boca se abriu, eu a peguei no colo. Deitando-a na cama, me posicionei entre suas pernas. As mãos dela seguravam meus cabelos por trás e eu estava adorando. A doce Emily se controlava enquanto eu saboreava sua boca.

Puxei uma das pernas dela por cima do meu quadril. Nunca na vida eu detestei mais uma calça jeans do que naquele momento. As mulheres não vinham até mim usando jeans. Elas usavam coisas que davam fácil acesso. Eu não estava acostumado com calças.

– Meu anjo, eu quero você nua. Você vai ficar nua para mim? – perguntei enquanto beijava sua orelha e passava o nariz por seu pescoço.

Ela paralisou e estremeceu embaixo de mim. Eu adorava ver uma mulher tremer. Era um bom sinal.

– Não.

Essa não era uma palavra de que eu gostasse. Já estava começando a odiá-la.

Puxei a perna de Emily de volta para cima do meu quadril e pressionei minha ereção contra a boceta quente dela. Eu precisava entrar ali.

– Vai ser bom, meu anjo. Muito bom. Juro. O melhor que você já fez. Deixe eu sentir seu clitóris.

Eu estava implorando para tocá-la. Nunca havia precisado implorar.

Esfreguei com mais força e ela deixou escapar um gemido. Estava começando a ceder. Logo, logo eu conseguiria experimentar aquela doçura. Só precisava seduzi-la um pouco mais até deixá-la louca por mim. Estava gostando de ter que me empenhar nisso. Eu nunca precisava me esforçar para que uma mulher se entregasse a mim. Aquilo estava me deixando louco.

– Eu sou virgem – sussurrou ela apertando os olhos e respirando de maneira ofegante.

Desta vez, eu congelei. Olhando para aquela beleza embaixo de mim, vi que suas bochechas estavam vermelhas e a boca, ligeiramente entreaberta. Ela estava excitada para cacete e a imagem de um anjo excitado era quase demais para suportar.

À merda com tudo! Eu não ia conseguir fazer isso. Não com uma virgem. Anjos doces não entregavam a virgindade a caras que só queriam dar uma trepada antes de pegar a estrada no dia seguinte.

– Poooooooooooo! – rugi, saltando para trás e caminhando pesadamente para o lado oposto do quarto.

Eu precisava de alguma distância. Porque, naquele momento, aquela boceta que eu sabia que seria doce e apertada acabava de se tornar a mais apertada e doce que eu já vira.

Passei as mãos pelos cabelos e dei um puxão no final, querendo gritar e atirar coisas. Como assim era virgem? Seu corpo berrava “Me coma!” e seu sorriso causava ereções por onde passava. Aquele maldito rosto era capaz de levar um homem à loucura.

Então como ela ainda era virgem?

– Eu tentei contar para você – sussurrou tão baixo que eu quase não escutei em meio aos meus resmungos furiosos.

Parei de andar de um lado para outro xingando e olhei para ela. Emily havia puxado os joelhos de encontro ao peito e estava me observando. Aqueles olhos que faziam um homem ter vontade de pecar estavam inseguros e nervosos.

Por que eu estava ficando tão louco por causa de uma mulher? Eu nunca fazia isso. Nunca. Caralho! Eu podia trepar o dia inteiro sem precisar comer a mesma boceta duas vezes, se eu quisesse. Então por que ela?

Ela mordeu o lábio e abaixou os olhos.

Foi a minha resposta. Porque eu nunca havia transado com uma virgem inocente. Nunca, cacete!

E não seria agora. Emily merecia mais do que isso. Eu nem sequer a conhecia. Será que iria gostar dela?

– Eu sinto muito – lamentou Emily. – Se você deixar, posso buscar a Sonya e iremos embora.

Ela estava me pedindo desculpas, embora não me devesse desculpa alguma. Também estava se preocupando com aquela vaca da prima, que precisava levar umas palmadas. Emily não estava tirando a roupa e tentando chupar o meu pau. Não se importava que eu fosse Kiro Manning. Não queria nada de mim.

Puxa, caramba! Sim, eu gostava dela. Quem não gostaria? Por que ela era solteira? Essa merda não fazia sentido. Aquele menina devia estar sendo mimada e cuidada. Algum sortido desgraçado deveria estar lambendo o chão que ela pisasse.

– Venha aqui, meu anjo

Estendi a mão. Ela me observou por um instante, então olhou para o meu rosto. O que quer que ela tenha visto, confiou. Sua mãozinha deslizou para a minha. Era muito feminina. Unhas rosa lindas e dedos delicados. Pude imaginá-la envolvendo meu pau e me levando para o melhor orgasmo de toda a minha vida. Não! Eu precisava parar.

Não com Emily. Isso tinha que acabar. Nada de sexo. Ela estava fora de cogitação. Eu queria preservá-la. Não queria meu anjo maculado. Ela era a perfeição e eu queria ficar perto disso. Respirá-la.

– Se eu pedir algo para comer, você me acompanha? Podemos ver um filme.

Aquelas palavras soaram estranhas vindas da minha boca. Nunca na vida eu tinha dito uma coisa dessas a alguém do sexo feminino.

Inicialmente, achei que ela fosse dizer não de novo. Mas, em vez disso, um sorrisinho animou

seus lábios.

– Está bem – respondeu ela.

Junho de 1992

EMILY

Era o meu quarto encontro com Will Burton e, esta noite, ele havia me beijado. Finalmente. Não foi nada arrebatador, mas foi bom. Ele era um cara legal. Do tipo que combina com o modelo cerquinha-branca-com-dois-filhos-e-um-cachorro. Eu podia ver essa vida no futuro dele, mas ainda não me via nela. Eu havia tentado várias vezes. Só precisava continuar lhe dando tempo. As coisas poderiam mudar.

Larguei minha bolsa no balcão da cozinha e tirei os sapatos de salto antes de me servir de um copo de suco. A pipoca no cinema havia me deixado com fome. Assim que dei o primeiro gole, meu telefone tocou. Fiquei olhando fixamente para o aparelho por um instante. Se fosse Sonya querendo saber dos detalhes com Will, eu não estava a fim. Então me aproximei e conferi o identificador de chamadas.

A tela exibia a mensagem de chamada não identificada. Kiro.

Sorrindo, atendi.

– Oi! – cumprimentei.

– Oi, meu anjo. Como foi a sua semana? – perguntou ele, fazendo com que eu me sentisse o máximo.

Fui até o sofá e afundei no estofado, sentando em cima dos pés. Kiro me ligava uma vez por semana. Em algumas delas, eu recebia duas ligações. Ele gostava de conversar. Falava sobre a turnê que estava fazendo e eu contava sobre a minha vida.

– Movimentada. Mas, como não trabalho amanhã, estou ansiosa para ficar sem fazer nada o dia todo. Talvez nem saia de casa. E você, o que tem feito?

– Ah, você sabe. Eu cantei, mulheres berraram, atiraram calcinhas em mim e imploraram para ter filhos comigo. Uma noite como outra qualquer – respondeu ele.

Eu teria dado risada, mas sabia que ele estava falando sério. Kiro sempre deixava de fora os detalhes sobre essas mulheres, com quem eu tinha certeza de que ele ia para a cama depois. Era algo de que nunca falávamos.

Desde que eu o conhecera no início daquele ano, havíamos nos tornado amigos. No fim de semana que passamos juntos, descobrimos nossa paixão em comum por Indiana Jones. Vimos todos os filmes na cobertura do Grand enquanto os outros integrantes da banda olhavam para nós como se fôssemos alienígenas.

Quando saí de Chicago, achei que nunca mais teria notícias dele. Mas Kiro me ligou na mesma noite e nossa amizade foi crescendo com o passar dos meses. Agora, quando aconteciam coisas que me deixavam feliz ou triste, eu pensava imediatamente em Kiro. Era para ele que eu queria contar tudo.

– Que pena que você vai passar o sábado em casa. Esses caras da Carolina do Sul são uns idiotas – disse ele, interrompendo meus pensamentos.

Eu ainda não havia contado a ele sobre Will. Kiro não falava sobre seus casos passageiros e eu achava que ele não ligaria a mínima para os meus encontros. Mas éramos amigos e, embora eu

fantasiasse algumas noites com ele, sabia que não passava disto: fantasia. Kiro deixara claro que não queria transar com uma virgem inexperiente.

– Tive um encontro esta noite. O nome dele é Will. Na verdade, foi o nosso quarto encontro.

Tentei parecer espontânea, como se conversar com ele sobre um cara fosse algo trivial. No começo, ele não disse nada e eu segurei o fone com força, torcendo para não ter feito a coisa errada. Eu não queria que esses telefonemas parassem. Infelizmente, eles haviam se tornado o ponto alto da minha semana.

– Quarto, é? Pelo jeito tem um cara marcando em cima por aí – disse dando uma risada, mas sua voz pareceu tensa. – Ele tem sobrenome?

– Burton – respondi.

Kiro ficou em silêncio novamente e então pigarreou.

– Como está aquela vaca no trabalho? Ainda está perturbando você? – perguntou.

Relaxei. Era sobre essas coisas que costumávamos conversar. As coisas simples do dia a dia.

– Ela foi demitida – contei, ainda comemorando a forma como tudo acontecera. – Will a ouviu me repreender por algo que não era culpa minha. Ela ameaçou me demitir. Então ele entrou e mandou que ela arrumasse suas coisas e fosse para casa.

– Will? O cara com quem você está saindo?

Eu havia me esquecido de mencionar que Will era o meu chefe. Eu trabalhava em uma madeireira, tirando pedidos e lidando com contas de empreiteiros. O pai de Will era o dono da empresa.

– Sim, ele é o gerente – expliquei.

Como Kiro não fez qualquer comentário, decidi que era o momento de tirar o foco de mim. A situação estava esquisita.

– Aposto como você está louco para ir para casa. A última apresentação é amanhã, certo?

Eu tinha um pôster da banda com as datas da turnê pendurado no meu quarto. Gostava de ver onde ele estava todos os dias.

– A última foi esta noite. Estou em Londres. Cinco horas à sua frente. São duas da manhã aqui.

Ele nunca me ligava nas noites em que eles se apresentavam. Ele normalmente dava alguma festa depois.

– O que foi? Nada de festa em Londres? – perguntei.

– É. Os outros estão na farra. Eu não estava a fim. Voltei para o hotel.

Isso não parecia com Kiro. O tom dele estava estranho.

– Está tudo bem? Você está estranho, nem parece você.

Ele soltou um suspiro.

– Tudo bem, meu anjo. Só estou cansado. Turnê longa para caramba.

E eram duas da manhã.

– Quer dormir um pouco?

– Prefiro ouvir você falar.

Quando ele dizia esse tipo de coisa, meu corpo todo estremecia. Eu adorava aquela voz grave e qualquer comentário me deixava ansiosa pela minha cama e meus pensamentos com ele. Como

detestava a ideia de Kiro estar triste, me empenhei em fazê-lo sorrir. Contei todos os detalhes do meu dia que pudessem diverti-lo. Também fiz uma recapitulação dos melhores episódios do programa humorístico *Saturday Night Live* que ele havia perdido durante a turnê. A cada risada que arrancava dele, ficava toda excitada.

KIRO

Bati na porta do apartamento, me esforçando para não ficar irritado com o fato de Emily morar naquela merda de condomínio sem a menor segurança. Não era onde eu a imaginava. E eu pensava muito nela.

Enquanto esperava com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans, tentava me manter calmo. Mas, poxa!, eu estava esperando para vê-la havia meses. Toda vez que ouvia sua voz, todo o meu corpo ficava em estado de alerta. Eu não conseguia controlar a atração que sentia por Emily.

Ouvi uma corrente deslizar da fechadura pouco antes de a porta se abrir, revelando-a vestida em shorts minúsculos e uma camisetinha de pijama. Ela estava com os cabelos despenteados e aqueles olhos maravilhosos arregalados.

– Kiro – disse, sem conseguir disfarçar o sorriso que iluminou seu rosto.

Era meia-noite. Eu havia trocado meu voo de Londres para ir até ali, em vez de voltar para Los Angeles. Eu não sentia a menor falta de casa. Eu só queria uma coisa durante a turnê: ver esse rosto. Noooooossa!

– Acordei você, meu anjo? – perguntei, entrando no apartamento dela ainda com as mãos enfiadas nos bolsos da calça.

Não confiava nelas quando estava perto de Emily. Elas queriam tocá-la.

Foi só então que me dei conta de que ela havia acabado de sair da cama. Levou as mãos aos cabelos, passando os dedos por entre as mechas, tentando domá-las. Mas eu gostava delas exatamente como estavam.

– Eu... você está aqui. No meu apartamento.

Ela parecia confusa. Então franziu o nariz e a testa.

– Ah, espere aí. Eu estou dormindo. Isto é um sonho.

A expressão de seu rosto se desfez.

Caramba! Tirei as mãos dos bolsos e a tomei nos braços. Ela inspirou fundo enquanto eu a segurava junto ao meu peito.

– Sou muito real e você está acordada – falei, sem conseguir evitar o nó na garganta.

Emily mexia comigo. Ela estava ferrando com a minha cabeça. Ferrando de verdade.

– Você parece real – disse passando os braços ao redor da minha cintura.

Fechei os olhos e me deixei inundar por ela. Dei um beijo no alto de sua cabeça e fiquei ali parado com Emily em meus braços. Ficaria pelo tempo que me deixasse ficar. A noite toda, se ela quisesse.

– Achei que você estivesse pronto para ir para casa. Não está com saudade de casa? –

perguntou ela inclinando a cabeça para olhar para mim.

– Eu estava com saudade só de uma coisa, meu anjo. E ela não estava em Los Angeles.

Eu pisquei ao segurar seu rosto nas mãos e sentir sua pele macia sob os polegares, acariciando as maçãs do rosto.

Ela franziu a testa por um instante.

– Está falando de mim?

Eu a puxei junto a mim e a levantei alguns centímetros do chão, dando uns poucos passos até o sofá, onde afundei com ela no colo. Emily não se afastou e, meu Deus, como aquilo foi bom!

– Tão doce – murmurei, olhando seu rosto fixamente.

Eu não havia inventado aquela merda toda. Ela era melhor do que eu me lembrava. Caramba! Ela era muito melhor. Aquela voz havia me ajudado a enfrentar a turnê.

– Eu senti a sua falta – confessou ela, levantando a mão e enfiando os dedos nos meus cabelos, enroscando algumas mechas. – Gostei de você ter vindo me ver.

No voo, eu havia ensaiado tudo. Havia me preparado para tentar conseguir o que queria. E eu queria Emily por perto. Eu não a queria ali. Principalmente agora que havia visto o lugar. Essa merda não ia dar certo!

– Eu também. Também gostei de poder ver você assim, com os cabelos desarrumados de quem acabou de sair da cama e de pijama.

Fiz um esforço para manter o rosto casual em vez de carente.

– Então foi por isso que você quis o meu endereço? Não era para me enviar alguma coisa pelo correio? – disse com um sorriso.

Eu adorava aqueles lábios. Eu realmente os desejava.

– Sim, meu anjo. Foi por isso – garanti.

Ela estava radiante. O encantamento em seu rosto por eu estar ali era sincero. Exatamente como a minha Emily. Verdadeira. A coisa mais real da minha vida.

– Você já foi a Los Angeles? – perguntei, já sabendo a resposta.

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Você iria amar a cidade. O sol e as praias. É tudo lindo.

Eu precisava usar de toda a minha lábia para convencê-la, porque não sairia dali sem ela.

Ela piscou.

– Acho que vou gostar mesmo.

Mudei de posição, sentei ao lado dela para não correr o risco de querer agarrá-la e sair correndo caso a resposta fosse negativa. Além disso, eu estava começando a ficar de pau duro com a bundinha dela no meu colo.

– Antes de sair em turnê, eu precisei demitir a gerente da casa. Ela trepou com o Dean e começou a se sentir dona do pedaço. Foi feio. Então, eu preciso de outra pessoa para supervisionar as coisas, como providenciar as compras e garantir que a faxineira e o jardineiro sejam pagos. Também preciso de alguém para receber a correspondência e se certificar de que todos os contratados estejam fazendo o seu trabalho. É uma função que eu não posso delegar a qualquer um. O salário é de duzentos mil, mais seguro-saúde. Os gastos com moradia estão

cobertos, já que você ficará na minha casa. Eu venho pensando nisso há algum tempo. Gostaria muito que aceitasse.

Ela ficou me encarando em silêncio por um instante. Prendi a respiração.

– Você acabou de me oferecer um emprego para eu me mudar para Los Angeles, gerenciar a sua casa e receber duzentos mil dólares por ano? – perguntou.

– Isso mesmo.

Eu pagava setenta e cinco mil à última gerente. Mas Emily não precisava saber disso.

Ela esfregou os olhos e murmurou:

– Acho que ainda estou dormindo. Droga!

Não consegui deixar de rir enquanto puxava as mãos dela dos olhos.

– Já disse, gata, não é um sonho. É real e eu estou aqui. Agora, quero que você me diga: “Sim, Kiro, eu aceito o emprego.”

Ela ficou ali sentada me encarando com a boca ligeiramente entreaberta. Enfiar a língua ali era uma tentação e tanto.

– Eu... mas... as aulas começam no outono. Se eu deixar meu emprego agora, não o terei quando voltar e preciso dele para...

– Temos universidades em Los Angeles. O trabalho não termina no outono. Não temos turnê marcada para antes do verão. Temos um álbum para gravar este ano, mas primeiro precisamos escrever as músicas. Eu preciso de você lá.

Eu estava preparado para qualquer argumento que ela lançasse. Eu ia conseguir convencê-la. Queria Emily comigo.

– Mas... tudo bem, me deixe pensar – disse, desviando o olhar enquanto franzia a testa.

– Eu posso matricular você para aulas no outono. Isto também fará parte dos benefícios: mensalidades pagas.

– Eu tenho crédito educativo. Não preciso...

– Eu pago também – falei, interrompendo-a.

Emily pôs a mão no meu peito e soltou uma risada.

– Pare! Estou tentando entender tudo isso. Não espero que você me pague todo esse dinheiro e ainda cubra meus gastos com a faculdade. Mesmo se perder meu crédito educativo, acho que estarei ganhando o suficiente para bancar as mensalidades. Quanto custa uma universidade lá?

Não sabia e não dava a mínima.

– Qualquer que seja o valor, será coberto.

Emily ficava adorável com a testa franzida.

– Kiro.

– Emily – respondi, com a mesma seriedade.

Então ela riu e apoiou a cabeça no meu peito. Meu Deus, que sensação incrível. Passei os braços ao redor dela e a segurei, não querendo soltá-la. Nunca.

– Só me diga sim. Eu posso fazer isso a noite toda – disse, dando-lhe um beijo no alto da cabeça.

– A minha mãe vai pirar – comentou, levantando a cabeça para olhar para mim de novo. – Vai ter um chique!

– Você tem 20 anos – lembrei. Eu cuidaria da mãe dela também, se fosse preciso.

Ela suspirou e assentiu com a cabeça.

– Eu sei. Mas ela não vai gostar disso. Minha mãe sabe que eu converso com você. Eu contei a ela. Mas não vai permitir que eu vá morar em Los Angeles com... uma banda de rock.

Provavelmente um dos motivos pelos quais a minha Emily era tão doce e inocente. Impossível eu não gostar da mãe. Ela havia criado o meu anjo.

– Se for preciso, falo com ela. Eu juro, você estará segura. Muito mais do que está aqui. Ninguém vai encostar um dedo em você. Prometo. Todos sabem que sou capaz de matar quem fizer isso.

– Se eu disser que tenho um contrato de aluguel deste apartamento e que as minhas coisas estão aqui e eu não tenho para onde levá-las, você vai ter uma resposta para isso também, não vai? – perguntou ela, parecendo prestes a ceder.

– Eu pago o contrato e nós guardamos seus móveis em um depósito.

Ela me observou por um instante e seus lábios se abriram em um sorriso.

– Eu não acredito que estou dizendo isso... mas, sim: eu aceito.

Caramba, sim!

Uma semana depois

EMILY

A vida com a Slacker Demon era como um filme. Eu não tinha parado para pensar em como seria, já que havia passado a semana anterior muito ocupada cuidando de tudo. Eu pedi demissão a Will, o que não foi legal. E minha mãe quase me pediu de joelhos que eu não fosse. No fim, ela acabou cedendo e me disse que eu poderia voltar para casa sempre que precisasse.

Arrumar minhas coisas, levá-las para o depósito e enviar o que eu precisava para Los Angeles consumiu todo o meu tempo livre. Nem uma vez parei para pensar que eu havia aceitado a proposta de Kiro. Agora, de pé em uma mansão com todos os luxos conhecidos pela humanidade, percebi que minha vida havia acabado de mudar radicalmente.

Eu trabalhava para a Slacker Demon. Meu trabalho era garantir que aquela casa estivesse bem cuidada e que não faltasse nada a ninguém. Um acréscimo e tanto ao meu currículo. Nossa!

Dean entrou na sala com um cigarro pendurado no canto da boca e vestindo apenas uma calça de pijama com estampa de caveiras.

– Ora, olhe quem chegou, afinal – falou com a voz arrastada.

– As coisas de Emily chegaram? – perguntou Kiro, carregando uma das mochilas que eu havia trazido comigo no avião.

O olhar de Dean foi de Kiro para a mochila que ele trazia na mão. Então ergueu as sobrancelhas enquanto olhava de novo para o amigo. Ele estava claramente surpreso.

– As coisas de Emily. Chegaram aqui? – perguntou Kiro em um tom irritado.

Dean resmungou alguma coisa, então fez um aceno com a cabeça para a esquerda.

– Sim. Mande tudo para o quarto que Viv ocupava.

– Não era onde eu queria – rosnou Kiro.

– Não consigo ler a droga da sua mente – respondeu Dean revirando os olhos.

Foi até o sofá mais próximo e se atirou.

– Venha comigo – disse Kiro, o tom de voz muito diferente. Era mais suave comigo. – Vou lhe mostrar o seu quarto e depois peço a alguém que leve as suas coisas para lá.

– Tudo bem – respondi, imaginando se eu não deveria simplesmente ir aonde Dean queria que eu fosse.

Ele também morava ali e eu não queria deixá-lo irritado.

– Qual quarto você vai dar para ela? – perguntou Dean.

– O branco – respondeu Kiro.

Dean soltou um suspiro.

– Merda! – resmungou.

– Se Dean quer deixar este quarto disponível, posso usar o outro, para onde ele mandou as minhas coisas.

Kiro parou de caminhar e olhou para mim.

– Dean mora na ala esquerda desta casa. A ala direita é minha. Ele não decide quem usa qualquer um dos meus quartos.

Ah! Então por que ele pareceu irritado?

Dean não havia me pedido para trabalhar para ele. Apenas Kiro. Mas eu estaria trabalhando para Dean também. Naquela casa. E se ele não me quisesse ali? Por que eu não havia pensado nisso?

Kiro me guiou por uma escada imensa, do tipo que eu só tinha visto no cinema.

– A casa é grande, mas eu faço um tour com você. Se você se perder, basta virar sempre à direita, que acabará voltando para cá.

Ele olhou para mim com um sorrisinho sexy no rosto.

– Sempre à direita, certo – repeti.

Não fiquei olhando muito para ele. Eu fizera um grande esforço para ser uma boa amiga. Não queria deixá-lo desconfortável com a minha paixonite.

Sair com Will havia ajudado um pouco, mas não muito. Agora que eu estava morando do outro lado do país, aquela história havia terminado. Ele não ficou muito feliz com essa decisão. Chegou até mesmo a levantar a voz para mim e perguntar se eu era burra.

Não respondi, porque talvez estivesse mesmo sendo burra. Minha mãe não pareceu achar que eu estivesse agindo de modo inteligente. Mas, se dissesse não, tenho certeza de que me arrependeria pelo resto da vida. Estar perto de Kiro me fazia feliz.

Ele parou e abriu uma porta, eu quase dei um encontrão nas costas dele. Estava completamente perdida em pensamentos.

– Este é o seu quarto. Vou mostrar o seu escritório, caso não queira ter um ligado ao quarto. Tem uma sala de estar ali que pode ser usada como local de trabalho, mas a decisão é sua.

Entrei, ainda sem conseguir formar palavras. Escritório, sala de estar e, puxa vida, aquele ambiente era imenso. Tinha até uma lareira de mármore bem grande. Agora eu compreendia por que se chamava quarto branco. Parecia o paraíso. Tudo era de um branco suave. Até a cama tinha um cortinado branco que se estendia até o chão. Eu ia me perder nela. Quatro pessoas poderiam dormir ali confortavelmente.

– O que você achou? – perguntou Kiro um pouco tenso.

Dei meia-volta para olhar para ele e tudo o que consegui fazer foi sorrir. Aquele sorriso enorme e pateta que a gente simplesmente não consegue evitar.

Ele deu alguns passos na minha direção e seus lábios perfeitamente esculpidos levantaram um pouco nos cantos.

– Tem alguma palavra para acompanhar este sorriso lindo? – perguntou com uma voz rouca que sempre me deixava arrepiada.

O problema era que ele não estava do outro lado da linha. Estava bem na minha frente. Eu precisaria controlar os tremores que a presença dele provocava em mim.

O sorriso dele hesitou e suas narinas se alargaram quando Kiro inspirou profundamente. Ficamos ali parados por um instante, apenas nos encarando. Eu tinha medo de respirar e ele não se aproximou mais de mim. Talvez houvesse percebido meus arrepios e, por isso, mantivesse distância.

– É... é incrível – finalmente consegui dizer, tentando retomar um clima confortável.

Os ombros de Kiro relaxaram um pouco e ele assentiu com a cabeça, dando um passo para

trás.

– Ótimo! Fico feliz que tenha gostado. Vou mandar alguém subir, ahn, daqui a pouco para mostrar a casa para você. Tenho que resolver algumas pendências. Ele me deu um sorriso forçado e saiu do quarto.

Droga! Eu havia acabado de fazê-lo sair correndo. Este podia ter sido o maior erro da minha vida. Ficar assim tão perto de Kiro o tempo todo não seria fácil. Se ele pirasse e fugisse toda vez que eu fizesse uma bobagem, tipo ficar arrepiada, esse trabalho jamais daria certo. Eu precisaria voltar para casa. Mas eu não queria. Não agora.

Teria que me esforçar mais para não pensar nos lábios ou na voz sexy de Kiro. Eu era funcionária dele agora. Tinha um trabalho a fazer e sentir desejo pelo meu chefe não era algo que estivesse previsto no contrato.

KIRO

Desde o instante em que Emily me contou que estava saindo com aquele cretino, eu soube que a traria para cá. Ela não era minha, mas, caramba, a ideia de outro homem tocando nela me deixava louco. Então, eu fiz as coisas acontecerem. Eu havia vencido. Emily estava aqui. Mas, caramba, o que eu faria com ela agora?

Seis meses antes, eu só conseguia pensar em comê-la. Pouco havia mudado, só que agora eu me importava com ela. Gostava dela. Mataria qualquer um que a magoasse. Mas ainda queria comê-la. Vê-la ficar arrepiada quando eu me aproximei foi demais. Decididamente, eu não era um cara legal.

– Instalou a princesa na torre? – perguntou Dean.

Encarei-o furioso, enquanto ele se servia de uma dose de uísque no bar.

– Não chame Emily assim – rosnei.

Dean sorriu tomando um gole do líquido âmbar.

– É verdade. Você não a comeu. Ela não é uma das suas princesas.

Minha carranca piorou e Dean riu.

– Só estou brincando. É divertido para caralho poder provocar o seu lado possessivo.

– O nome dela é Emily. Ela deve ser tratada como parte da família. Quero que seja respeitada – exigi.

Ele assentiu e levantou as mãos para o alto, como se estivesse se rendendo.

– Entendi. Sem problemas. Só quero saber exatamente o que ela vai fazer. A mãe de Rush está trazendo o menino para mim. Disse que precisa fazer umas compras. Viv costumava me ajudar com ele. Emily vai fazer o mesmo?

Rush era o filho de 2 anos de Dean. Era um garoto bonitinho, mas ainda neném. Viv ajudava com todas aquelas coisas de bebê. Eu não havia pensado em Emily tendo que fazer esse serviço. Não sabia se ela estaria disposta a isso. A mãe de Rush, Georgianna, era uma louca do cacete. Não tinha certeza se iria querer Emily perto do filho dela. Especialmente porque eu havia trepado com ela uns dois meses atrás, quando apareceu em uma das nossas festinhas particulares. Foi vodca demais naquela noite. Depois transamos mais algumas vezes. Ela sempre aparecia e era muito boa com a boca. Mas, depois de um tempo, ela começou a agir como maluca e eu terminei tudo.

– Por mais que goste do seu filho, não gosto da mãe dele. Emily não vai chegar nem perto de Georgianna.

Dean tomou um longo gole do uísque. Quando esvaziou o copo, suspirou.

– Imaginei isso. É melhor eu avisar que Georgianna também está vindo ver você. Não consigo

acreditar que trepou com ela. Que porra estava pensando?

– Eu não estava pensando. Estava muito alto e ela chupa feito um aspirador de pó.

– Foi o que imaginei. Só que agora ela está atrás de você. Não é fácil se livrar dessa louca. O noivo fugiu com a prima dela. Ele me ligou furioso, me acusando de ter engravidado a mulher. Eu disse que o filho não era meu. Vocês que andaram trepando. Não eu. Ela está lamentando que o cara casou com a prima. Não posso culpá-lo. A prima de Georgie, além de maravilhosa, é um doce de pessoa. O problema é que ela está mal e você se meteu no meio dessa merda toda.

Teríamos de contratar uma babá. Eu não iria deixar Emily chegar perto daquela maluca agora. De jeito nenhum.

– Não quero aquela puta desvairada na casa.

Dean franziu a testa.

– Ela é a mãe de Rush. Preciso deixá-la entrar.

– Então Emily e eu não estaremos aqui. Quando eles chegam?

Dean balançou a cabeça.

– Vai sair com uma funcionária? Sério? Por que está fingindo que Emily vai trabalhar para nós? Você a trouxe para cá para ficar com ela. Só isso. Admita essa merda e contrate uma gerente de verdade.

Se fosse assim tão fácil.

– Quando eles vêm? – repeti, ignorando o comentário.

– Ela disse que ligaria quando o avião pousasse.

– Contrate uma babá. Vou ver se Emily quer sair para jantar.

Dei meia-volta e segui na direção da escada.

– Por que Emily não pode conseguir uma babá para mim? Esse é o trabalho dela – gritou Dean às minhas costas.

– Vá se foder! – berrei em resposta, subindo a escada dois degraus por vez.

Agora estava ansioso. Queria resgatar Emily antes que Georgianna entrasse por aquela porta.

A ideia de ter minhas escolhas de vida atiradas na cara dela me deixava nervoso. Eu não havia considerado que a aproximação dos nossos mundos afetaria meu relacionamento com Emily. Ela era a parte boa da minha vida. A parte pura e limpa. Ela não havia tido contato com toda a merda ao meu redor. Mas Georgianna aparecer procurando por mim enquanto Emily estivesse ali provocaria um choque entre esses dois mundos.

Bati em sua porta, então abri sem esperar que ela respondesse. Foi um erro. O melhor erro que eu cometi na vida.

Emily estava parada diante do espelho usando nada além de uma calcinha rosa e um sutiã combinando. Fiquei com inveja daquela calcinha que envolvia sua bundinha carnuda e arredondada. Sua cintura era minúscula, mas, caramba, que quadris! Eu estava tão embevecido com a visão que só quando ouvi sua voz de pânico levantei os olhos para encontrar os dela.

Emily estava agora de frente para mim. Ela abraçava o corpo de maneira protetora, o que realçava ainda mais seus seios. Seus olhos imensos finalmente me tiraram do transe em que ela havia me colocado.

– Kiro, vire-se! Por favor... – implorou com uma voz trêmula e insegura.

Eu não queria me virar, porra! Caramba, a minha imaginação não estava fazendo justiça àqueles peitos.

– Kiro... – insistiu.

Ergui o olhar para ela.

– Não sei se consigo.

Seu lábio inferior estremeceu ligeiramente. Foi lindo. Tudo nela era encantador. Ela não disse nada enquanto percorria lentamente meu corpo com o olhar. Meu anjo estava curioso.

Dei alguns passos em sua direção, ela não se moveu. Respirou fundo, mas não afastou o corpo de mim. Lentamente, como um leão perseguindo a presa, eu me acerquei dela. Se Emily fizesse um pequeno movimento, por menor que fosse, eu pararia. Havia jurado a mim mesmo que a manteria segura, pura e doce, exatamente como quando a conheci, fazia seis meses.

O problema agora era que não só o meu pau a desejava. O meu coração também. Emily conseguira conquistar parte dele e eu jamais pensei que isso fosse possível. Para qualquer um.

Parei na frente dela e esperei, dando-lhe um instante para tomar uma decisão. Sua respiração curta e rápida fazia os peitos balançarem de um jeito provocante, eu sabia que ela não tinha ideia de que estava fazendo isso. O que a tornava ainda mais desejável.

Estendi a mão e passei a ponta do dedo pela clavícula dela tão suavemente que mal toquei em sua pele. Seu corpo estremeceu sob meu toque. Caramba! Eu queria essa mulher. Todinha.

– Diga para eu parar.

Agora era eu quem estava pedindo. Se eu continuasse tocando nela, estragaria tudo.

Ela não disse nada.

Deixei a ponta do dedo mergulhar no profundo vale entre seus seios. À sua inspiração rápida, seguiu-se um arrepio. Meu Deus, eu adorava quando ela estremeceu.

– Diga para eu parar, Emily – repeti.

Somente as palavras dela fariam com que eu me contivesse.

– Eu... eu não posso – sussurrou ela.

– Por quê?

Eu previa a resposta e sabia que, se ela me dissesse o porquê, eu piraria. Mas queria ouvi-la dizer que me desejava.

– Eu...

Ela fez uma pausa e eu passei o dedo por cima da renda do sutiã.

– Eu quero isso.

Caralho! Ela disse.

Pronto. Era o que eu precisava. Isso mudava tudo.

Minhas mãos agarraram sua cintura e eu a puxei com força contra meu corpo para poder beijar sua boca. Aqueles lábios pelos quais eu vinha ansiando e o doce sabor de mel que assombrava meus sonhos.

Ela levantou os braços e os passou por trás do meu pescoço, agarrando-se a mim. Nada nunca havia sido tão importante. Com um beijo, minha vida mudou. Seguiria um rumo diferente agora. Um caminho em que uma mulher era dona do meu coração.

EMILY

A medida que Kiro tocava meu corpo, minha pele formigava de expectativa. Sob todo aquele desejo, meu bom senso gritava me mandando parar. Dormir com Kiro estragaria tudo. Nossa amizade terminaria e eu seria enviada de volta para a Carolina do Sul.

Exatamente como Vivian.

Ao vislumbrar essa possibilidade, me dei conta de que eu precisava parar de me agarrar aos cabelos de Kiro como se minha vida dependesse disso, colocar as mãos nos ombros dele e empurrá-lo para trás. Eu não estava disposta a ficar longe dele. Eu o desejava, mas não o suficiente para perdê-lo para sempre.

– Não! – arfei, sentindo o corpo todo doer de frustração.

Não consegui olhar nos olhos de Kiro. Será que eu havia deixado aquilo ir longe demais? Será que ele me mandaria para casa agora que as coisas ficaram esquisitas?

– Caralho! – resmungou ele, cerrando os punhos nas laterais do corpo.

Senti frio sem ele. Kiro havia feito meu corpo arder. Agora só estava sentindo desejo.

– Desculpe. Eu não... eu não devia, estraguei tudo. Eu devia ter dito para você parar.

Eu parecia ridícula, mas estava tendo dificuldade para recuperar o fôlego.

– Não.

Sua voz saiu áspera e dura. Encarei suas mãos, porque não estava pronta para olhar para o rosto. As mãos eram mais seguras. Ele as abriu e fechou com força várias vezes.

Justamente quando eu quase tive coragem suficiente para encará-lo, ele se virou e saiu. A batida forte da porta vibrou por todo o quarto. Não me vesti. Meu coração estava se partindo pela primeira vez na vida. Eu havia estragado tudo.

Fui até a cama, me deixei cair e abracei meu corpo. O que eu havia feito?

Lágrimas molharam meu rosto e umedeceram o travesseiro embaixo da minha cabeça. Ele havia ficado bravo comigo. Eu merecia isso, mas, ainda assim, doía. Não tanto quanto o medo de ele me mandar embora e eu nunca mais ouvir sua voz novamente, me provocando. Perguntando sobre o meu dia.

Quando abri os olhos de novo, as lágrimas tinham secado no meu rosto e o sol já se pusera. Eu havia caído no sono. Sentei e olhei para o relógio ao lado da cama. Eu dormira por duas horas.

Kiro não tinha voltado para ver como eu estava. Eu ainda não desfizera as malas e minhas caixas não estavam no quarto. Será que eu iria embora no dia seguinte? Respirei fundo várias vezes e lembrei a mim mesma que Kiro nunca havia sido meu. Aquele mundo nunca havia sido

meu. Eu ficaria bem. Sentiria muita falta dele, mas iria me recuperar. Só precisava parar de remoer a dor e começar a lidar com a situação.

Peguei um short e uma blusa sem mangas da mochila e me vesti rapidamente. Como minha aparência estava um horror, apenas lavei o rosto e fiquei sem maquiagem. Depois de ter limpado todos os resquícios de choro, preendi os cabelos em um rabo de cavalo e segui em direção à porta. Precisava encontrar Kiro e conversar com ele.

Estava perdida, mas então lembrei que ele havia me dito para virar sempre à direita, foi o que fiz. Sem dúvida, fui parar na escadaria que havíamos subido mais cedo. Ela era toda trabalhada, assim como o resto da casa. Era fácil para dois homens dividirem uma casa desse tamanho. Duas famílias poderiam morar ali e não se verem, se assim quisessem.

Ouvi vozes vindas do corredor quando cheguei ao último degrau. Uma voz feminina aguda me surpreendeu. Comecei a ir na direção dos ruídos, mas parei quando Kiro gritou:

– O cacete com isso! Você é uma vaca mentirosa. Deixe o garoto e vá embora.

O garoto?

Ouvi o som de pezinhos batendo no piso de madeira pouco antes de alguma coisa esbarrar nas minhas pernas com força. Com um grito assustado, segurei na parede para recuperar o equilíbrio. Então olhei para baixo e vi incríveis olhos prateados voltados para mim. Os cabelos escuros do garotinho eram compridos como os de uma menina, mas não havia dúvida de que se tratava de um menino. Ele franziu a testa enquanto me analisava.

– Não me diga para ir embora! Eu vim aqui para conversar e você vai conversar comigo, seu cretino filho da mãe! – berrou a mulher.

O garotinho franziu ainda mais a testa olhando para trás na direção dos gritos. Esse menino era filho de Kiro? Ele tinha um filho?

Uma pequenina mão se enroscou na minha canela e a segurou com força. Observei quando o menino enfiou o polegar na boca e se aproximou de mim. Ele estava assustado. Estavam gritando na frente dele.

Que tipo de pais fazem isso? Pais astros de rock, pelo visto. De repente, toda a dor e o medo se esvaíam à medida que crescia minha fúria em relação aos pais da criança. Ele era apenas um bebê. Não devia ter mais do que 2 anos.

Abaixei e o menininho começou a se mexer, mas mudou de ideia e continuou onde estava. A tentativa dele de parecer corajoso era adorável e, ao mesmo tempo, de cortar o coração.

– Oi, sou a Emily. Qual o seu nome? – perguntei, sem saber ao certo se ele já falava.

– Wush – sussurrou.

Rush. Rush Finlay. Era o filho de Dean. Eu havia ficado sabendo do nascimento dele pelo noticiário. Havia fotos de Dean com o filho pequeno por toda a Internet. Mas fazia algum tempo que eu não o via.

Então por que Kiro estava gritando com a mãe de Rush?

– Muito prazer em conhecer você, Rush – falei, enquanto sua mãe disparava palavrões que ele jamais deveria ouvir.

Os dois nem sequer haviam notado que Rush não estava mais por perto?

– Aonde você está indo? Talvez eu possa ir também – sugeri.

Eu não perderia aquele bebê de vista.

– Papai casa? – parecia uma pergunta.

Ele estava procurando por Dean.

– Tenho certeza que sim. Podemos ir atrás dele juntos – propus, estendendo os braços para ver se o menino confiaria em mim o bastante para vir no meu colo.

Rush veio voluntariamente para os meus braços e eu me levantei quando ele passou um bracinho ao redor do meu pescoço.

– *Cato* do papai – disse, acreditando piamente que Dean estaria lá.

Eu não sabia ao certo onde ficava o quarto de Dean, nem se seria uma boa ideia ir até lá sem avisar.

– Rush! Aonde ele foi? Vou levá-lo de volta, seu cretino filho da mãe, e você pode explicar ao Dean por que ele não vai ficar com o filho este fim de semana! – vociferou a mulher.

Rush segurou em mim com mais força e me encarou com súplica no olhar.

– *Cato* do papai – repetiu ele.

– Rush! – guinchou a mulher de novo, então Kiro também chamou o menino.

Eu ia ter de levá-lo até eles, embora quisesse acolhê-lo nos meus braços e sair correndo. Aquelas pessoas não tinham o direito de criar um filho. Não se iriam agir desse jeito perto dele. Agora ele estava agarrado a mim com muita força e eu queria mais do que tudo levá-lo ao pai dele, que era evidentemente quem ele queria.

– Rush!

A voz da mulher ficava cada vez mais próxima. Os saltos dos seus sapatos atravessaram o piso fazendo barulho. Ela estava chegando e não havia como eu salvar aquela criança da própria mãe.

Quando os olhos verdes frios encontraram os meus, ela paralisou e seus lábios se retorceram de nojo.

– Largue meu filho, sua vagabunda! As vadias que desfilam por esta casa não podem tocar no meu filho. Nunca!

A mulher bonita e visivelmente grávida partiu na minha direção e o rostinho de Rush pareceu muito triste.

– *Cato* do papai – repetiu ele, desta vez para ela.

– Eu ia levá-lo até o Dean. Ele estava aqui sozinho, perguntando pelo Dean – tentei explicar.

– Estava o caramba! – protestou a mulher. – Sua puta idiota!

– Peça desculpa a Emily imediatamente ou você nunca mais vai pôr os pés nesta casa de novo. Estou cagando para quem você é, Georgianna. O Dean pode ir até você para pegar o filho dele da próxima vez.

A voz de Kiro estava fria e mortal.

A mulher deu meia-volta e olhou furiosa para Kiro.

– Eu não vou me desculpar com uma das muitas vadias que mantêm seu pau molhado.

Kiro deu um passo na direção dela, a expressão em seus olhos era apavorante. Fiquei assustada por ela. Ele certamente não machucaria uma grávida. Por que ela o estava provocando assim?

– Dê. O. Fora. Agora. Porra! – rugiu.

Os braços de Rush seguraram meu pescoço mais apertado e ele afundou o rosto no meu peito. Seu corpinho estava tremendo e, desta vez, fui eu que fiquei com raiva. Kiro estava apavorando o menino.

– Parem com isso! Você dois. Rush está assustado e vocês estão piorando a situação. Ele é um bebê, caramba! Não conseguem ver que isso o perturba? Poxa, isso me aborrece e eu nem ao menos sei por que estão gritando um com o outro. Onde está Dean? Ele quer o pai.

Kiro desviou o olhar cheio de ódio de Georgianna e seus olhos suavizaram assim que cruzaram com os meus. Lentamente, ele percebeu Rush aninhado em meu colo e soltou um suspiro.

– Porra! – resmungou, como se tivesse acabado de se dar conta do que os dois estavam fazendo. – Vou levar você até o Dean. Ele foi tomar um banho e esta pir... – parou de repente quando lhe lancei um olhar de advertência. Pigarreou. – Eles chegaram – disse.

– Vocês sempre gritam uns com os outros e falam palavrões na frente dele desse jeito? – perguntei, torcendo para que a resposta fosse negativa.

– Eu não preciso de uma vagabunda qualquer me dizendo como criar meu filho. Ou você o entrega agora, ou arranco o menino de você.

Kiro foi na direção dela, furioso novamente.

– Kiro, não! O Rush!

Kiro parou e resmungou um palavrão.

– Vamos deixar uma coisa bem clara, Georgianna. Emily não é uma vagabunda ou uma vadia. Ela está aqui porque está trabalhando para nós. Ela é minha... amiga – disse Kiro olhando para mim.

Nada naquele olhar indicava que fôssemos amigos. Dizia que tínhamos acabado de nos agarrar e ele queria fazer isso de novo.

– E – emendou ele –, quando estiver na minha casa, você irá respeitá-la.

– O quê? – Georgianna esbravejou atirando as mãos para cima. – Então é por isso que você se recusa a aceitar o fato de que estou grávida de um filho seu? Por causa dela?

Senti o estômago afundar e encarei fixamente a mulher que não parava de falar.

– Este bebê é seu, Kiro. Nós estávamos trepando feito coelhos e você sabe disso. Estávamos tão loucos um pelo outro que você se esqueceu da porra da camisinha uma noite. Eu estou grávida. Você precisa encarar a situação e lidar com isso. Ou pretende ignorar esta criança como faz com a outra?

Ela direcionou o olhar furioso para mim.

– Cuidado! Você será a próxima. O sujeito gosta de espalhar a semente dele por aí.

Kiro tinha um filho? O quê? Ah, meu Deus! Eu realmente não sabia nada sobre esse homem.

– Você dá para um cara diferente a cada noite – respondeu ele, ainda olhando furioso para ela. – O filho não é meu. Eu jamais teria tocado em você sem proteção.

– Dean fez um teste de paternidade para provar que Rush era dele. Deixarei você fazer o mesmo de bom grado.

Kiro bateu com força na parede e rugiu.

– Saia da minha casa!

Rush estava tremendo nos meus braços novamente.

– Kiro, pare com isso – implorei.

– Me dê meu filho! – exigiu Georgianna, estendendo a mão para pegá-lo de mim.

– Ele está assustado e quer o pai. Rush não pode ficar só para ver o Dean? – supliquei.

A criança precisava que alguém a defendesse.

– Sua puta tap...

– Pode parar, Georgianna. Não ouse levá-lo.

A voz de Dean veio de trás de mim e eu quase chorei de alívio.

– Papai! – gritou Rush, soltando os braços do meu pescoço e os estendendo na direção de Dean como se ele fosse seu salvador.

Eu estava começando a achar que era mesmo.

Dean pegou o filho no colo, olhando para ele como se fosse a coisa mais preciosa do mundo.

– Oi, carinha. Eu estava imaginando quando você ia chegar aqui. Senti sua falta.

Dean falou suavemente e Rush afundou a cabeça no pescoço do pai agarrando-o com toda a força que conseguiu reunir.

– Está na hora de ir embora. Se eu ouvir você falando desse jeito de novo perto do meu filho, você não o verá mais – alertou Dean em voz baixa, fuzilando Georgianna.

Então deu meia-volta e se afastou com Rush nos braços.

– Pode ir embora agora – disse Kiro a ela enquanto se aproximava de mim.

Eu, no entanto, não estava pronta para ficar perto dele nem para falar com ele. Não depois de tudo o que havia acabado de ver e ouvir. Meu Deus, como eu não sabia que o mundo dele era tão ferrado? Ele era um astro do rock. É claro que tinha um passado e um presente confusos.

Virei e saí correndo na direção da escada para subir ao quarto que me havia sido designado. Eu deveria ir embora ou ficar e lidar com o mundo insano em que havia entrado?

KIRO

A garrafa de vodca na minha mão estava quase vazia. Fiquei observando fixamente as chamas na lareira enquanto segurava o vidro frio nas mãos. Quando Georgianna finalmente foi embora, não consegui encarar Emily. Não depois da forma como ela havia olhado para mim.

Ela não sabia que eu tinha um filho. Uma criança que eu nunca via. Eu havia tentado uma vez, mas era encrenca demais. A mãe do menino não queria que ele tivesse contato com meu mundo. E ainda tinha Georgianna alegando estar grávida de um filho meu. Merda! Puta que pariu! Eu havia usado camisinha todas as vezes. Eu sei disso. Ela estava mentindo para mim.

A mulher era uma vaca vingativa e, juro por Deus, quase bati nela. Se não fosse por Emily ali parada, olhando para mim como se estivesse procurando algum sinal que provasse que sou bom, eu teria batido. Mas não queria decepcioná-la. Só que havia decepcionado. E muito.

Dean também ficaria furioso. Rush havia escutado toda aquela merda e Dean não iria gostar disso. Eu não podia culpá-lo. Ele amava o garoto e, embora a mãe dele fosse uma vaca, o menino era fofo. Eu não devia ter deixado que ela me afetasse daquele jeito na frente de Rush.

– Acho que devo ir embora – disse Emily em um tom de voz suave.

É estranho como palavras ditas por uma boca tão doce podem revirar nossas entranhas de maneira tão dolorosa. Minha Emily queria me deixar.

Virei a cabeça e a vi parada à porta. Ela estava linda. Era sempre muito linda. Seus longos cabelos escuros emolduravam o rosto e o inchaço dos olhos castanhos revelava que ela havia chorado. Por minha causa. Eu me odiava. Eu era um fracassado.

– Não me deixe – pedi, levantando e lutando contra o movimento que meu corpo queria fazer conforme a sala se mexia.

Eu havia bebido para cacete.

– Eu não posso ficar aqui. Eu não concordo com a forma como você vive. Posso parecer puritana ou intolerante, mas este não é um mundo em que eu consiga viver.

A tristeza em sua voz era evidente. Ela não queria me deixar. Estava apenas assustada demais para ficar. Havia descoberto muitas coisas a meu respeito. Rápido demais.

– Eu sou um fracassado, Emily. Sempre fui. Meus pais não me queriam. Eles me odiavam. Um dia, quando voltei da escola, minha mãe havia arrumado todas as minhas coisas e deixado na varanda da frente de casa. Eu tinha 13 anos. Ela falou que estava cansada de ser minha mãe. Disse que a puta que me pôs no mundo havia abandonado meu pai quando eu era bebê e que eu era exatamente como ela. Descobri naquele dia que meu pai também não me queria. Eu não tinha ninguém. A mãe de Dean me acolheu. Ela me deixou dormir na sala da casa deles. Depois de um

tempo, acabaram conseguindo a minha guarda. Fiquei arrasado quando ela morreu de câncer de mama. A única pessoa que algum dia quis me ajudar.

Eu estava bêbado e comecei a dizer coisas que nunca havia contado a ninguém. Precisava parar, mas Emily estava me deixando e eu não podia permitir isso. Eu necessitava que ela ficasse. Não podia perdê-la também.

– Todo mundo me deixa. Eu não presto. Eu não valho a pena. – Atirei a garrafa dentro da lareira. – Porque eu sou um inútil, merda!

Virei para ela novamente.

Seus olhos se encheram de lágrimas, que escorreram pelo seu rosto. Eu estava fazendo meu anjo chorar. Eu destruía coisas. Não podia me permitir aniquilá-la. Emily era importante demais. Ela era especial.

– Eu não fui feito para um anjo. Jamais deveria ter tentado me aproximar de um. Você sempre foi tão boa para mim. Só queria estar perto de você. Ver o seu sorriso. Ele faz com que eu me sinta completo de novo. As merdas sórdidas e sujas da minha vida ficam melhores quando você está por perto. Você tem uma luz, Emily. É brilhante demais. Aquece tudo a seu redor. Ela me aquece. Antes de você, era tudo sempre vazio e frio.

Ela se moveu. Achei que tinha ouvido o suficiente e estava indo embora. Eu não sabia se sobreviveria desta vez. Perdê-la acabaria comigo de vez. Havia um limite de oportunidades para alguém se recuperar.

Caí de joelhos e segurei a cabeça com as mãos. Eu havia estragado tudo.

– Kiro. – A voz de Emily soava ao meu lado e seus braços me envolviam. – Você não é inútil. Você é especial também.

Essas palavras partiram o que ainda restava do meu coração.

– Não diga uma merda dessas e depois me deixe.

Minha voz estava rouca. Eu havia me exposto completamente para ela. Minha fraqueza, meus medos, minha dor. Eu nunca me revelara tanto. Nunca.

– Não vou deixar você. Não vou partir enquanto não me mandar embora. Não quero deixar você. Você me faz feliz. Provoca em mim sensações que me assustam, mas me excitam. Eu não quero ir.

A vodca estava ferrando com a minha cabeça.

– Você quer ir embora. Vá, Emily. Fuja de mim, gata. Eu não valho nada.

Um soluço baixinho perto do meu ouvido fez meu corpo ser tomado por uma onda de consciência.

– Olhe para mim – implorou Emily.

Levantei a cabeça e vi meu anjo lindo de joelhos, com os olhos vermelhos e o rosto encharcado de lágrimas. Ela segurava meu braço apertado, recusando-se a me soltar.

– Eu não vou deixar você. Nunca. A única maneira de se livrar de mim será me mandando embora e jurando que nunca mais vai querer me ver. Você, Kiro Manning, vale a pena. Vale muito a pena.

Abri os braços, ela soltou um soluço alto ao se atirar neles e se agarrar a mim. Eu a abracei com força, afundei o rosto em seu pescoço e inspirei. Ela cheirava a mel. Doce demais.

- Nunca vou pedir para você ir embora. Eu preciso de você – sussurrei junto ao pescoço dela.
- Ótimo. Porque eu preciso de você também.

Abracei-a mais apertado e caí no sofá, segurando-a em meus braços. Emily não iria me deixar. Queria ficar. Ela me desejava. Como eu conseguira que um anjo ficasse comigo? Eu não havia feito nada certo neste mundo. Eu havia ferrado com mais vidas do que era capaz de contar.

– Você fez a coisa certa hoje. Quando me afastou de você – eu disse, passando as mãos em seus cabelos, deixando as mechas sedosas deslizarem pelos meus dedos. Eu havia saído do quarto mais cedo sabendo que não tinha o direito de tocá-la como havia feito. Ela era boa demais para mim.

- É mesmo? – perguntou.
- Sim. Eu não mereço você.

Ela inclinou a cabeça para trás e me encarou. As lágrimas haviam parado de correr, mas ela ainda estava com o rosto molhado. Eu detestava saber que Emily havia chorado por minha causa. Não queria que ela chorasse nunca.

- Fiquei com medo de perder você se fizéssemos alguma coisa – sussurrou ela.

De me perder? Ela achou que iria me perder? Meu Deus, ela ainda não havia entendido? Pronto. Ela era a garota certa. Mesmo se isso fosse tudo o que ela pudesse me dar, pelo resto da minha vida, eu ficaria feliz. Eu a tinha.

– Eu teria ficado mais louco por você do que já sou. Mas, me perder? Caramba, Emily, nada que você fizesse me impediria de querer você.

Emily mordeu o lábio e franziu a testa. Fiquei observando-a, enquanto ela refletia sobre o que eu havia acabado de dizer. Quando seu lábio finalmente se soltou, tive vontade de lambê-lo, mas não estava certo se ela me permitiria fazer isso.

- Achei que as coisas ficariam estranhas entre nós. Como poderíamos ser amigos?

– Quando diz que as coisas ficariam estranhas, você se refere ao fato de eu não ser capaz de deixar você sair da cama ou tomar banho sozinha?

Ela deu uma risada e balançou a cabeça negativamente.

- Então me explique, meu anjo, porque eu estou confuso para caramba.

– Quer dizer... se dormíssemos juntos, o que aconteceria quando você trouxesse outras garotas para cá... e eu tivesse que ver? Acho que você se sentiria estranho e eu talvez não conseguisse lidar com a situação.

Putá merda!

Agarrei seus quadris e a puxei para cima do meu corpo, de frente para mim. Ela ficou montada sobre meu colo e, se relaxasse um pouco, meu pau ficaria aninhado dentro dela. Afastando esse pensamento, segurei seu rosto com as duas mãos. Droga, eu precisava que ela me entendesse e acreditasse em mim.

– Emily, se eu ficasse com você, seria só você. Mais ninguém. Um homem não pode ir para o céu com um anjo e voltar a se satisfazer com qualquer outra coisa. Eu ia precisar de você e só de você. Se você me deixar comer você, você vai ser minha. Completamente. E isso poderia ser estranho para você.

Ela ficou me ouvindo com os olhos arregalados.

Eu não deixaria de dizer mais nada para ela. Estava farto dessa merda! Ela precisava saber de tudo. Eu a deixara entrar e agora ela não ficaria mais de fora. Em relação a nada.

– Então você não quer dormir comigo só uma vez? – perguntou, umedecendo os lábios com a língua.

Apoiei a testa na dela.

– Nesta vida, eu nunca vou ter o bastante de você.

– Você ainda vai pensar assim de manhã, quando estiver sóbrio? – questionou.

Sorri e a puxei de volta para o meu peito. Ela estava certa. Eu estava bêbado, mas isso não tinha nada a ver com o que estava acontecendo.

– Por que você não fica aqui nos meus braços esta noite, e quando acordarmos de manhã, você me pergunta isso de novo? – propus.

Ela olhou para o chão embaixo de nós e então olhou de novo para mim.

– Você quer dormir no chão?

Eu a levantei e a coloquei no sofá atrás de mim.

– Não, eu quero dormir no sofá – disse, subindo para o couro macio e a puxando para se enroscar ao meu lado.

Ela puxou o cobertor branco de pele das costas do sofá e nos cobriu com ele.

– Boa noite, Kiro.

– A melhor noite da minha vida, meu anjo – garanti a ela.

Porque era mesmo.

EMILY

Ele estava acordado. Senti isso sem abrir os olhos. O corpo quente e firme que me abraçava apertado não havia fugido esta manhã. Parte de mim imaginava que ele me abandonaria. Todas as coisas que Kiro me dissera na noite anterior eram difíceis de aceitar, mas eu queria acreditar nele.

– Eu estou aqui. Abra seus olhos e pare de pensar tanto.

A voz de Kiro me deixou arrepiada. Com o calor do hálito dele no meu pescoço. Todas as partes do meu corpo que ele despertava estavam muito excitadas.

Olhei para ele de lado e ele riu. Então deu um beijo no meu nariz.

– Adorável – sussurrou.

Não sabia ao certo se gostava de ser adorável. Isso não parecia com alguém capaz de manter o interesse de Kiro Manning. Ele gostava de mulheres sensuais. Eu o vira em ação e sabia o que o atraía. Não era eu.

– Nada de franzir a testa. Pare de pensar. Fale comigo – pediu Kiro, agora com a voz preocupada.

Ele queria que conversássemos e fôssemos francos um com o outro.

– “Adorável” não faz o seu tipo – constatei.

O canto da boca dele se ergueu em um sorriso.

– É mesmo? O que faz o meu tipo, exatamente?

Eu não queria dizer aquilo em voz alta. Fechando os olhos, forcei a palavra a sair.

– Sexy.

– Você tem razão. Eu gosto de mulheres sensuais. E gosto muito! – concordou.

Então a mão dele deslizou por baixo da minha blusa, eu preendi a respiração enquanto ela subia lentamente até cobrir um dos meus seios.

– E este corpo é tão sexy que só de olhar para ele chega a doer! – exclamou.

Ah! Nossa!

– Ver você de pé no seu quarto usando só aquela calcinha e aquele sutiã me deixou tão louco que eu mal consegui pensar direito. Eu queria mergulhar em você. Desejei você nua e gritando de prazer embaixo de mim. Sexy para cacete! – murmurou ele, enquanto lambia meu pescoço e começava a puxar meu sutiã para baixo, me deixando livre dos bojos de renda.

– Eu adoro esses peitos. São os melhores peitos do mundo – grunhiu, começando a lamber minha clavícula.

Eu nunca havia sido lambida antes e não sabia se era algo que algum dia houvesse desejado,

mas a língua de Kiro em mim estava me mostrando que sim. Eu queria muito.

Ele levantou minha blusa até deixar meus seios expostos para ele. Seus olhos se acenderam e meus braços ficaram completamente arrepiados no momento em que ele abaixou a cabeça e abocanhou um dos mamilos. Quando ele o puxou com os dentes, eu gritei e agarrei sua cabeça para mantê-lo lá. Aquilo era bom e eu queria mais.

Kiro abriu minhas pernas antes de se posicionar entre elas enquanto continuava lambendo e provocando meus mamilos enrijecidos. Exatamente quando achei que meu corpo não poderia se sentir melhor, ele apertou sua firmeza sobre o desejo que crescia entre as minhas pernas.

Atirando a cabeça para trás, gritei o nome dele. Eu queria mais daquilo também.

– Isso mesmo, meu anjo. Aproveite, gata. Deixe eu tomar conta deste corpo gostoso. É tudo que eu sempre quis! Ouvir esses gritos de prazer.

Essas palavras me levaram à loucura. Eu não era ingênua. Sabia para onde aquilo levava. Imaginava também que o sexo doeria na primeira vez. Mas, naquele momento, eu não me importava.

– Caramba, vocês não podem usar um quarto enquanto o Rush está aqui?

A voz de Dean estava fria como um balde de gelo. Um banho frio de que eu aparentemente precisava, porque estava pronta para ficar nua ali mesmo e permitir que Kiro me possuísse.

Kiro disse um palavrão e me cobriu com seu corpo enquanto puxava meu sutiã para cima e abaixava a blusa para me vestir.

– Você podia bater à porta – respondeu, irritado.

– Na minha própria casa? Eu posso entrar na droga da sala de jogos com o meu filho, se quiser. Existem quartos para essa merda.

Kiro começou a dizer mais alguma coisa, mas eu agarrei seu braço e apertei. Ele se virou para mim e eu balancei a cabeça negativamente. Dean tinha razão. Não deveríamos estar fazendo isso.

Kiro inclinou a cabeça e cobriu minha boca com a dele. Enquanto ele me beijava, esqueci-me de Dean e Rush por um instante. Era como se ele estivesse provando alguma coisa especial. Algo que ele adorava.

E eu me derreti nos braços dele.

– Porra, cara! Leve a garota lá para cima – reclamou Dean.

Kiro interrompeu o beijo, sua respiração estava ofegante.

– Eu odeio você – murmurou, virando-se para Dean.

O amigo apenas riu.

– Aposto que sim.

Kiro levantou, segurou minhas duas mãos e me puxou com ele. Vi Rush agarrado à perna do pai enquanto nos encarava. Imediatamente, eu me senti culpada. Não estava sendo nem um pouco melhor do que Georgianna e Kiro no dia anterior. O menino estava vendo algo que não deveria e, desta vez, era minha culpa.

– Pare de fazer essa cara de quem atropelou um cachorrinho. Rush já deve ter visto coisa muito pior do que isso. Não tem problema que vocês dois tenham dormido juntos no sofá. O menino tem 2 anos. Não faz ideia do que realmente estava acontecendo – disse Dean com um sorriso divertido.

Cheguei perto de Rush e me abaixei até sua altura. Hoje ele parecia feliz. Não estava assustado, mas observando tudo ao redor.

– Você passou bem a noite? – perguntei.

Ele assentiu com a cabeça.

– Vi *tatuga* – respondeu.

Olhei para Dean, que pareceu satisfeito por Rush estar falando comigo.

– Fizemos uma noite de cinema no meu quarto. Pipoca, brownies e *Tartarugas Ninjas II* – explicou.

Olhei de novo para Rush.

– O Raphael é o meu preferido. Qual é o seu? – perguntei.

O menino olhou para o pai e sorriu.

Dean riu e acariciou seus cabelos.

– Ele gosta do Raphael também. Acho que você acabou de fazer um novo melhor amigo.

– Você está roubando a minha mulher, rapazinho. Não pense que eu não estou vendo – brincou Kiro em um tom provocador ao chegar atrás de mim.

Eu me levantei, ele passou os braços pela minha cintura e me puxou junto ao seu peito.

Dean olhou para os braços de Kiro e depois para mim.

– Então ela é sua mulher agora?

Kiro abaixou a cabeça e beijou a minha têmpora.

– É.

Dean soltou um suspiro e balançou a cabeça.

– Espero que você saiba o que está fazendo.

Kiro apertou os braços ao meu redor.

– Eu sei.

Dean olhou para Kiro e depois para mim.

– Eu estava falando com ela.

Então se abaixou e pegou Rush no colo.

Ficamos ali parados enquanto os dois se afastavam. Kiro não havia me soltado, estava imóvel. As palavras de Dean o incomodaram. Pude perceber isso. Eu realmente queria gostar de Dean, mas se ele continuasse perturbando Kiro, não conseguiria.

– Eu sei o que estou fazendo. Quero isto – eu disse com firmeza.

Queria que ele acreditasse em mim.

Ele deixou a cabeça cair na curva do meu pescoço e inspirou.

– Meu Deus, eu espero que sim – respondeu.

KIRO

Medo. Simplesmente isso. Eu estava sendo devorado pelo medo. Não conseguia sequer levá-la até seu quarto. Tinha receio que ela pensasse melhor e me deixasse. Em vez disso, peguei sua mão e a conduzi para o meu quarto. Então tranquei a porta atrás de nós. Eu queria mantê-la ali. Para sempre. Trancada comigo. Para que ninguém pudesse dizer nada que a fizesse mudar de ideia. Não queria nem mesmo que olhassem para ela. Emily era toda minha.

Apenas minha. Pela primeira vez na vida, eu desejava possuir algo. Mais do que queria continuar respirando.

– Kiro – falou ela com a voz suave.

Era como se intuísse a batalha sendo travada na minha mente.

– Sim – respondi, enquanto a levava na direção da minha cama.

Era o lugar onde eu a queria.

– Tem algo errado. Converse comigo.

Eu não tinha vontade de falar com ela. Ansiava por devorá-la. Desejava provar todas as partes do seu corpo. Depois queria transar com ela até nenhum de nós conseguir caminhar.

Segurei sua blusa e a tirei pela cabeça. Comecei a desabotoar seu short. Eu a queria nua. Meu anjo despido na minha cama. Embaixo do meu corpo.

Eu ia pirar.

– Kiro, espere, tem alguma coisa incomodando você. O que é? – perguntou enquanto eu abaixava seu short.

Ela saiu de dentro dele obedientemente. Tão maravilhosa. Tão absolutamente linda. Tinha a pele perfeita e sedosa. Passei um dedo por seus ombros e desci até o sutiã.

– O que Dean disse incomodou você? Ele está errado. Eu quero estar aqui. Estou fazendo o que tenho vontade. Você é tudo o que eu quero.

Ela estava preocupada comigo. Ninguém jamais demonstrara tamanha preocupação. Mas Emily estava interessada no meu bem-estar. Quando eu telefonava para ela durante a turnê, sempre me ouvia. Ficava preocupada quando eu não dormia bem e sugeria que eu me alimentasse direito. Ela se importava. Quando as coisas estavam uma merda, ligava para Emily e ela me fazia lembrar de que alguém achava que valia a pena se importar comigo.

– Emily – disse, abrindo o sutiã. – Eu não dou a mínima para o que o Dean falou. Ele não entende. Você é diferente para mim. Logo ele vai perceber isso. Pare de se preocupar comigo, meu anjo.

Ela relaxou um pouco, pelo menos até o sutiã cair e deixá-la nua para mim. Fiquei de joelhos

diante dela e baixeii lentamente a calcinha que estava usando. Era a mesma rosa de cetim da noite anterior.

– Kiro – suspirou sem fôlego.

Agarrei uma de suas pernas e, levantando-a, apoiei sobre meu ombro.

– Deite-se na cama – pedi, enquanto beijava a parte interna da coxa.

– Ah, meu Deus! – gritou Emily.

Sorrindo, inspirei o cheiro doce entre suas pernas e latejei na calça jeans. Parecia que meu pau sabia que eu havia chegado à terra prometida. Coloquei a língua para fora e a deslizei entre as pernas dela, sentindo o sabor do meu anjo.

– Kiro – arfou e suas mãos encontraram meus cabelos. – Isso... Kiro, ah, que coisa boa!

Ouvir o prazer dela me deixou mais louco. Eu a chupei, aproveitando o sabor mais delicioso do mundo. Ela era pura. Aquela era uma bocetinha intocada e era minha. Eu seria o único a possuí-la.

– Minha – murmurei, agarrando suas coxas e as segurando bem abertas para enfiar o rosto no calor. – Minha.

– Ah, meu Deus, Kiro! Não consigo mais ficar de pé. – Ela arfou quando a perna que ainda tocava o chão começou a bambear.

Levantei a mão, agarrei sua cintura e a empurrei até a cama.

– Abra bem essas pernas para mim – pedi.

Ela as abriu completamente. Eu quis gritar para o mundo que Emily era minha. Meu anjo. Ela me queria. Estava me dando algo que jamais entregara a ninguém. Tudo aquilo era meu.

Baixeii a boca e continuei deslizando a língua por suas curvas. Ela puxou meus cabelos e gritou meu nome. Eu continuei. Queria mais disso. Enfiar a língua dentro dela a fez levantar os quadris da cama e implorar por mais.

Meu anjo não precisava implorar nada para mim. Lambi o clitóris túrgido, coloquei-o na boca e suguei. Ela explodiu em um milhão de pedacinhos embaixo de mim, com o corpo estremeendo com o orgasmo.

O gosto que acompanhou seu gozo fez com que eu quisesse continuar devorando o que era meu. Mas meu pau já estava doendo. Eu queria me conectar a ela. De maneira tão profunda que fôssemos um só. Meu anjo nunca me abandonaria.

Eu fui até ela e capturei sua boca. Emily não se importou que eu tivesse seu gosto na minha língua. Suas mãos agarraram meus braços e me seguraram perto dela.

– Faça amor comigo, Kiro – pediu contra a minha boca.

Eu nunca tinha feito amor. Não sabia fazer amor, caramba! Mas, cara, eu faria qualquer coisa que Emily quisesse se isso significasse que eu poderia entrar nela. Que eu ficaria tão colado a ela que meu anjo se tornaria parte de mim. Que Emily me daria toda aquela luz que emanava dela.

Arranquei a camiseta e tirei a calça jeans. Voltar até ela sem nada entre nós foi incrível. Sua pele macia acariciou a minha enquanto eu me aproximei para pressioná-la e me deixar ser dominado por aquela sensação. Ser consumido por ela.

– Eu não tenho nada. Fiz exames há duas semanas e não dormi com ninguém desde então. Não quero usar camisinha. Quero sentir você.

Eu estava implorando. Havia feito exames antes de voltar para casa e para ela. Àquela altura, ninguém mais serviria. Eu só conseguia pensar nela. Meu anjo era tudo o que eu queria. Quando a última garota me chupou e eu gritei o nome de Emily, soube que não tinha mais volta.

– Eu não tomo anticoncepcional – disse, olhando para mim com os olhos arregalados.

Ela também me desejava, mas estava assustada. Insegura.

– Eu tiro antes. Só me deixe entrar um pouco. Deixe eu saber qual é a sensação de ter você por inteiro, sem barreiras.

Ela assentiu com a cabeça e passou as mãos pelos meus cabelos.

– Eu também quero.

Meu Deus, eu estava no paraíso. Anjos existiam e eu tinha um. Emily era toda minha.

– Vai doer no começo, mas eu juro que vou tomar cuidado. Vai ser bom.

Ela sorriu para mim e levantou a cabeça para me dar um beijo nos lábios.

– Confio em você.

Essas palavras acabaram comigo.

Com um supremo esforço de autocontrole, eu me curvei sobre ela e pressionei a cabeça do pau em sua entrada. Com um empurrãozinho, senti quanto ela era apertada e intocada. Emily se retraiu. Pressionei um pouco mais, com o suor escorrendo pelas costas. Não queria machucá-la. Nunca. Mas pooooooooorrra! Não havia nada igual. Nunca, no mundo. Nada se comparava a isso.

A barreira que confirmou sua inocência me deteve, eu me abaixei e dei um beijo em seus lábios.

– Eu amo você – sussurrei, antes de pressionar dentro da abertura apertada que me uniria ao meu anjo.

Três palavras que eu jamais dissera na vida.

Emily gritou e choramingou enquanto se agarrava em meus braços. Fiquei parado, beijando cada parte de seu rosto, prometendo que passaria logo e que eu cuidaria dela.

Meus músculos começaram a doer por conta do esforço que eu fazia para me manter imóvel enquanto tudo o que eu desejava era mergulhar mais fundo nela e me mexer. Eu a amava. Isso era fazer amor. Mas eu precisava comê-la agora.

Meu corpo queria comer essa mulher.

Ela levantou os quadris ao encontro dos meus e eu fiquei observando enquanto ela soltava o ar e arqueava contra mim. Comecei e me mover lentamente. A cada estocada, eu entrava mais fundo na boceta mais apertada que eu comi na vida. Era como se ela estivesse presa ao meu redor com um tornio macio e molhado e eu tinha certeza de que, se eu morresse naquele momento, estaria tudo bem. Eu havia tido a melhor coisa da vida: esse momento com Emily. Nada poderia ser melhor.

– Ainda dói? – perguntei, querendo me mexer com mais força e mais rápido.

– Não – respondeu ela, arfando. – Está muito bom.

Balancei os quadris e mergulhei o máximo possível nela. Emily veio ao meu encontro e gritou. Foi o som mais sexy do mundo.

– Como você é apertadinha. Meu Deus, meu anjo, você tem alguma ideia de quanto me destruiu? – perguntei, começando a comê-la.

Ela levantou os joelhos para pressionar contra meus quadris e eu precisei me segurar para não gozar. Eu não podia ejacular dentro dela e meu anjo ainda não havia chegado lá. Queria o prazer de Emily antes do meu.

Baixando a cabeça, beijei sua orelha.

– Quero ouvir você gozar. Quero saber como é sentir esta bocetinha quando você gozar. Porque ela é minha agora, Emily. Minha! Serei o único a fazê-la sentir prazer. Vou beijá-la sempre que você quiser. Eu vou ser paciente – sussurrei, enquanto beijava sua orelha e sugava o lóbulo.

– Ah, meu Deus, Kiro! – arfou. – Ah, meu Deus!

Ela estava muito perto. Lambi seu pescoço e embaixo do queixo.

– Não é só a sua bocetinha que é doce, todo o seu corpo também é. Eu quero comer você inteirinha, Emily.

– Kiro, aaaaaah!

Ela gritou meu nome e seu corpo se sacudiu com o orgasmo. Estremeci lutando para não acompanhar. Jogando o quadril para trás, saí de dentro dela e gritei seu nome enquanto cobria sua barriga com meu gozo.

Eu não havia gozado dentro dela, mas havia marcado seu corpo. O desejo de espalhar minha semente sobre ela foi forte. Mas Emily era inocente e não estava pronta para esse tipo de sacanagem.

EMILY

O calor da toalha me assustou. Eu estava sensível entre as pernas e aquilo aliviou a dor. Kiro estava de joelhos, me limpando suavemente como se eu pudesse quebrar se fosse manuseada de forma errada. Ele estava sendo tão cuidadoso que meus olhos lacrimejaram.

Eu queria puxá-lo para junto de mim e abraçá-lo. Meu coração derretia à medida que o homem escondido por trás da imagem do deus do rock se revelava para mim. Não era o mesmo cara que eu havia visto naquela festa seis meses antes. Agora ele era diferente. Kiro era diferente comigo.

Quando se deu por satisfeito, achando que eu estava adequadamente limpa, ele atirou a toalha no chão e eu fiz uma anotação mental para me livrar dela. Havia sangue e espermatozoides ali e eu não queria que uma faxineira tivesse de lidar com aquilo.

Kiro deitou ao meu lado e me puxou para perto dele. Ele beijou o alto da minha cabeça.

– Amo você, Emily. Eu não devia ter dito isso pela primeira vez quando estava prestes a penetrar você, mas não consegui evitar. Estou tão apaixonado que fico até assustado. Nunca estive apaixonado. Talvez eu seja péssimo nisso. Neste momento, só quero manter você grudada em mim o tempo todo. A ideia de outro homem olhando para você me deixa furioso. Esta merda pode me deixar maluco.

Deslizei a mão pelo peito dele e me apoiei para olhá-lo.

– Acho que estou apaixonada por você já faz algum tempo. Minhas semanas giravam em torno de quando você iria me ligar. Ouvir a sua voz sempre deixava tudo melhor. E você me dizer que me ama antes de... bem, você sabe.

Senti o rosto queimar. Falar sobre sexo me fazia corar. Não importava que eu já tivesse feito.

– Isso foi especial – falei.

Ele levantou a mão e segurou meu rosto enquanto me encarava com espanto.

– Você me ama?

Assenti, imaginando se esse cara percebia quanto era adorável. O mundo o amava. Não, isso não era verdade. O mundo não o conhecia. As pessoas achavam que o amavam, mas o homem de verdade era muito melhor. Ninguém fazia ideia.

– Eu quero entrar em você de novo – balbuciou ele, deslizando a outra mão entre as minhas pernas. – Mas está sensível. Eu posso beijá-la. Fazer melhor.

– Não estou tão sensível – respondi.

Era mentira, mas para Kiro entrar em mim outra vez, eu diria qualquer coisa.

Abri os olhos e vi o sol nascer por entre as janelas. Kiro e eu não havíamos saído do quarto no dia anterior. Dormimos e brincamos o tempo todo. Depois que ele me levou para o chuveiro, não me lembrava de muita coisa. Perguntei a mim mesma se havia desmaiado.

Levantei a mão, senti o ninho de rato em que haviam se transformado meus cabelos e me encolhi toda. Precisava levantar e arrumar aquilo. Eu estava um horror.

Saí lentamente dos braços de Kiro, andei nas pontas dos pés até o banheiro e entrei debaixo da água. Lavei os cabelos, pois seria a única maneira de domá-los depois de ter ido para a cama com eles molhados na noite anterior. Quando terminei, eu me vesti rapidamente e fui para o andar de baixo.

Eu havia sido contratada para administrar a casa. Apesar de não saber ao certo tudo o que esse trabalho envolvia, estava pronta para começar a aprender. Quando me falou da função, Kiro mencionara que havia uma cozinheira e, no dia anterior, por três vezes apareceu comida magicamente do lado de fora da porta do nosso quarto. Também não era qualquer comida. Eram coisas boas e sofisticadas. Mas não vi ninguém trazendo.

– Oi – disse uma vizinha quando cheguei ao último degrau da escada.

Ergui o olhar e vi Rush parado vestindo um pijama do Batman. Era o menininho mais fofo que eu já vira na vida. Porém eu não conhecia o filho de Kiro. Será que também era tão adorável assim?

– Bom dia – respondi, afastando da mente os pensamentos sobre o filho de Kiro.

Nós teríamos de falar sobre isso. Eu precisava saber mais. Já conhecia Kiro o suficiente para acreditar que, se tinha um filho, ele iria querer conhecê-lo. Então por que não o conhecia?

– *Vem comê* – chamou Rush.

Ele fez um sinal com a mãozinha para que eu o seguisse antes de se virar e continuar caminhando feito um patinho pelo corredor.

Eu o segui, percorrendo um caminho que ainda não havia feito. Mas ele parecia saber aonde ia. Com que frequência ele os visitava? Dean era um bom pai. Isso era evidente. Aquele garoto o amava. Eu queria isso para Kiro também.

– Rush, para onde você fugiu? – perguntou uma senhora mais velha.

Rush riu e deslizou no chão de meias, passando pelas portas duplas.

– *Pegá Emmy* – respondeu, apontando para mim.

Uma mulher baixinha e rechonchuda com um sorriso caloroso veio até a porta e pôs as mãos na cintura enquanto me analisava.

– Vejo que você encontrou outra madrugadora. Bem, entre, então. Preparei os waffles de chocolate preferidos do Rush. Imagino que esteja com fome depois do dia que teve ontem. Eu sou Margarette Fuller, mas pode me chamar de Margie, como todos os outros – disse, com um brilho nos olhos, voltando para a frente do fogão. – Rush gosta de acordar com o sol, mas o pai não tem o mesmo costume. Dean tende a dormir durante as escapadas matinais do filho. Quando o menino está aqui, fico atenta ao som de pezinhos caminhando para poder chegar até ele antes que apronte alguma coisa.

Ela parou e olhou de novo para mim.

– Ele tem falado de você. Acho que gosta de você. Dean disse que enfrentou a mãe dele e

venceu. Parabéns!

Eu podia ter perdido um dia inteiro no quarto de Kiro, mas, aparentemente, o resto da casa já sabia tudo sobre o pouco tempo em que eu estava ali.

– *Senta* – mandou Rush, dando tapinhas no banquinho ao lado dele.

Fui até perto dele e obedeci, tentando não dar risada de seu jeito mandão.

– Você é boa com ele. Rush não se solta facilmente com as pessoas, mas gosta de você. O que me faz pensar que talvez você seja justamente o que nosso Kiro precisa. Tem outro menininho que eu gostaria de ver correndo por estes corredores e comendo meus waffles.

Ela fechou a boca e se virou de costas rapidamente, como se tivesse dito algo que não deveria.

– Eu sei que ele tem um filho – comecei.

Não queria que Margie se preocupasse com a possibilidade de ter falado demais. Ela se virou para mim outra vez, com os olhos arregalados de surpresa.

– Kiro contou para você?

Não, mas gostaria que tivesse contado.

– Georgianna falou alguma coisa a respeito.

Margie apenas suspirou e balançou a cabeça.

– Aquela mulher – resmungou baixinho.

Imaginei como seria a mãe do filho de Kiro. Será que era bonita? Será que era como Georgianna? Havia tanto que eu queria saber sobre Kiro.

KIRO

Descobri naquela manhã que detestava acordar sem Emily nos meus braços. Detestava. Acordar. Sem ela.

Não me dei ao trabalho de vestir uma camiseta, apenas enfiei uma calça jeans e saí do quarto atrás dela. Depois iria arrastá-la de volta para a minha cama. Ainda não estava pronto para dividi-la com o mundo. Eu só queria que vivêssemos no meu quarto. A sós. Para sempre.

Por Deus, eu estava perdendo a cabeça.

O som de sua risada musical veio até mim quando cheguei ao último degrau da escada. Franzindo a testa, percebi que vinha do lado da casa destinado a Dean. Era melhor que ele não estivesse fazendo Emily rir. Aquelas risadas eram minhas, caramba! Ele precisava arranjar uma mulher para ele.

– Você acertou o meu nariz! – gritou Emily, animada.

Ela estava se divertindo. Com quem ela estava falando, cacete?

Sua voz estava vindo da cozinha. Segui a passos largos na direção do som e entrei batendo a porta, pronto para dar uma surra em quem a estivesse fazendo rir. Eu era o único que tinha esse direito. Ela era minha.

No entanto, a cena que vi me obrigou a parar. Emily e Rush lado a lado, ela parada diante da pia, ele de pé em uma cadeira. Os dois gargalhavam cobertos de espuma de sabão até os cotovelos.

Quando ela virou os olhos para mim, eles se iluminaram e seu sorriso ficou mais largo. Como se eu fosse a única coisa que ela quisesse ver no mundo. Emily fazia com que eu me sentisse um rei.

– Bom dia – disse ela alegremente. – Rush e eu decidimos ajudar Margie a limpar a bagunça que fizemos por causa do nosso acidente com a calda dos waffles e, bom, parece que estamos nos divertindo um pouco demais.

– *Epuma* – disse Rush alegremente, levantando as mãos e jogado espuma em Emily, que riu da travessura.

– Gostei dela. Não estrague isso – comentou Margie, vindo até mim e me dando um tapinha no braço. – Está com fome?

Sim, eu estava com fome. Estava com fome de algo que Margie não podia me dar.

– Coma alguma coisa – disse Emily ainda dando risada e brincando com Rush. – Vou ter que me limpar depois disso. Em seguida, preciso das instruções sobre a casa.

Instruções sobre a casa? Se ela ia se limpar, eu iria junto.

– Não estou com fome. Vou com você – respondi indo até ela.

Seus olhos foram tomados por excitação ao perceber que eu me aproximava. Pude notar sua respiração acelerando e, por mais que eu gostasse de Rush, ele seria obrigado a abrir mão de sua parceira de brincadeira.

– Vamos limpar você agora – falei, passando a mão por sua cintura e começando a remover a espuma dos braços dela. – Acho que você precisa trocar de roupa. E talvez tomar uma ducha.

Emily se apoiou em mim e me deixou limpá-la.

– Está bem – concordou imediatamente. – Mas eu preciso trabalhar hoje – acrescentou em um sussurro.

Ela não iria trabalhar, caramba! Isso era antes. Antes de ter se tornado minha. Eu não iria dividi-la com o resto da casa.

– Vamos falar sobre isso depois – respondi.

– Dean disse que precisava contratar uma babá para as visitas de Rush. Mas acho que Emily vai ser perfeita – sugeriu Margie. – Rush gosta mesmo dela.

Perfeita o caramba! Emily não era a babá de Dean, porra! Ela era minha. Eu precisava mais dela.

– Emily não é babá – disparei, saindo em direção à porta.

Eu tinha que afastá-la deles. Voltar para o meu quarto. Retornar ao lugar onde eu não precisaria dividi-la com mais ninguém.

– Kiro, o que há com você? – perguntou ela, parecendo preocupada.

– Eu disse para você que agiria feito maluco. Isto sou eu agindo feito maluco. Preciso de você no meu quarto. Você é minha. Só minha.

Ela não disse mais nada, o que me deixou aliviado. Não estava a fim de defender esse ciúme insano que sentia em relação a ela. Fechei a porta atrás de nós e tranquei à chave, então me aproximei dela e a levei até a cama.

– Não gosto de acordar e não ter você do meu lado. Eu queria comer você, mas você não estava aqui. Eu queria cheirar você, mas você não estava aqui. Eu queria ver você sorrir, mas você não estava aqui. Detestei isso.

Ela suspirou e levantou a mão para passar os dedos pelos meus cabelos.

– Eu acordei muito cedo e não quis incomodar. Achei que poderia começar a trabalhar para descobrir como as coisas funcionam por aqui.

– Apenas fique comigo. Não quero você ajudando mais ninguém. Eu só quero você comigo.

Emily franziu a testa.

– Você vai se cansar de mim muito rápido se ficarmos juntos o tempo todo.

Ela não fazia ideia. Eu jamais me cansaria dela. Meu desejo era insaciável.

– Quero ter você. Agora. Tire este short e me deixe ter você.

Por um instante, achei que ela não iria se mexer. Eu havia mostrado quanto estava pirado, por isso imaginei que ela fugiria. Eu estava pronto para segurá-la, caso tentasse escapar. Mas, depois de alguns instantes, Emily abriu o short e se despiu. Então tirou a calcinha e a atirou para o lado.

Minha boca cobriu a dela enquanto eu segurava o calor do meio de suas pernas com as mãos.

Ela já estava molhada para mim. Isso me fez rugir de satisfação. Emily me desejava. Eu estava louco de desejo e ela me queria também.

Sua língua dançou de encontro à minha enquanto o doce sabor de mel de sua boca me preenchia. Eu a tinha voluntariamente em meus braços. Nada mais poderia ser assim tão perfeito.

Com uma das mãos, tirei a calça e a coloquei na beirada da cama antes de afundar em seu corpo com uma estocada. As paredes apertadas me envolveram enquanto ela gemia e jogava a cabeça para trás. Eu estava o mais fundo que podia ir. O vício que essa mulher provocava era absurdo.

Tive vontade de viver dentro dela. Exatamente assim.

– Quero ficar aqui. Dentro de você. Desse jeito. Deixe que eu fique com você assim. Você é minha, Emily.

Minhas palavras pareciam a fala de um louco, então imaginei que talvez eu fosse mesmo louco. Desejava aquela mulher até tocar as raia da loucura. Nunca me cansava dela.

– Eu pretendo tomar anticoncepcional. Quero saber qual é a sensação de você gozar dentro de mim.

Ela arfou quando comecei a entrar e sair de sua boceta quente.

– Eu também! – concordei com um grunhido. – Se eu puder gozar dentro de você, nunca mais vou deixar você sair da minha cama. Essa ideia me deixa maluco. Preciso disso.

– Eu vou sentir? Gosto da sensação na minha pele. Quero sentir dentro de mim.

Comecei a tremer e me sacudir. Estava a ponto de explodir. Ouvir Emily pedir para eu gozar dentro dela era demais.

– Vou gozar agora se você não parar – alertei.

– Ah, meu Deus, eu quero sentir isso.

Ela gemeu e me segurou com força.

– Eu quero muito.

Foi isso. Com as pernas de Emily enroscadas na minha cintura, berrei seu nome seguido de um “Pooooooooorrrra!” enquanto gozava dentro dela. Ela ficou gritando meu nome sem parar e me dizendo que podia sentir enquanto desabava em meus braços.

A ideia de que ela poderia engravidar não me assustou. Queria isso. Eu a desejava presa a mim, de modo que não pudesse mais ir embora. Eu jamais deixaria essa mulher escapar. Emily era minha. Eu faria qualquer coisa para mantê-la comigo.

EMILY

Depois de duas semanas morando com Kiro, eu me dei conta de que jamais iria realmente trabalhar ali. Ele não permitiria. Ele me mantinha em seu quarto e, quando saíamos de lá, nunca tirava as mãos de mim. Nós víamos filmes juntos em seu cinema particular e comíamos juntos em sua cozinha.

Ele precisou dar duas entrevistas e me levou ambas as vezes. Kiro não me deixava fora de vista. Mesmo quando estava sendo filmado, exigia que eu ficasse ao alcance de sua visão. Pude ver a forma como as pessoas olhavam para mim. Elas estavam curiosas e confusas. Especialmente as mulheres.

Eu não era especial aos olhos delas. Por que Kiro as ignorava e estava tão obcecado por mim? Eu me perguntava a mesma coisa. Cheguei a falar para uma das mulheres que teve coragem de dizer isso na minha cara. Ela havia sido modelo de um dos videocliques anteriores da banda. O modo como agia perto dele tornava óbvio o fato de que os dois já haviam dormido juntos.

Quando me virei para não precisar vê-la pressionar o peito contra o dele e sussurrar em seu ouvido, Kiro veio para perto de mim, beijou meu rosto e disse que eu era a mulher da vida dele. O anjo dele.

Coisas assim me impediam de sentir ciúme da forma como as mulheres o desejavam. Eu aceitei que sempre seria assim. Ele era Kiro. As mulheres o amavam. Mas Kiro amava a mim.

No dia em que fiquei menstruada, Kiro pareceu chateado. Como se esperasse que eu tivesse engravidado daquela única vez em que não havíamos conseguido nos conter. Tomei a injeção anticoncepcional e começamos a transar sem proteção assim que minha menstruação terminou.

A ideia de que ele estava me marcando toda vez que gozava em mim o tornava ainda mais selvagem. Kiro adorava saber que eu era só dele e eu adorava saber que ele me queria. Porque eu o amava, com todas as minhas forças. E, por amá-lo, eu o ajudaria.

A começar pelo filho. Ele tinha que conhecê-lo, assim como precisava garantir que Georgianna fizesse um exame de paternidade. Porque se ela realmente estivesse grávida de Kiro, ele deveria saber.

Ver Dean com Rush me fazia querer muito que Kiro vivesse a paternidade. Por isso, fiz umas pesquisas e perguntei algumas coisas a Margie. Então liguei para Mary Ann, a mãe do filho de Kiro.

Ele havia ido até o estúdio no porão para trabalhar em uma canção nova e todos da banda pediram que eu ficasse na casa para Kiro se concentrar. Então eu o convenci de que precisava

tirar um cochilo e o empurrei para fora do quarto. Ele não ficou feliz com isso, mas eu precisava de um tempo sozinha. Para ligar para Mary Ann.

Ela era bem diferente do que eu pensava. Era uma garota do Texas que havia cometido o erro de dormir com Kiro para se recuperar de uma dor de cotovelo. Foi uma noite só e ela sentiu vergonha de si mesma quando tudo acabou. Esperava nunca mais precisar vê-lo de novo e não imaginava que isso aconteceria, até descobrir que estava grávida. Ela disse que a camisinha havia estourado, mas que Kiro tirou antes. Aparentemente, não a tempo.

Conversamos por uma hora. Gostei muito dela. Quando a ligação terminou, Mary Ann concordou em permitir que Kiro e eu fôssemos visitar Mase. O filho deles. Agora eu só teria que convencer Kiro.

Na manhã seguinte, quando Kiro acordou, eu estava sentada na cama ao lado dele, observando-o. Ele sorriu para mim com aquele sorrisinho sexy e estendeu os braços por cima da cabeça. Seus músculos flexionaram. Senti o corpo todo arrepiar. Eu gostava quando ele fazia aquilo e ele sabia disso. O homem fazia tudo o que podia para me manter na cama com ele.

– A gente precisa conversar – eu disse, antes que ele me tocasse e eu esquecesse o que tinha a dizer.

– Preciso da sua bocetinha – respondeu, deslizando a mão pela minha coxa e me puxando em sua direção.

– Não – respondi, recuando. – Primeiro a gente precisa conversar – repeti.

Eu estava falando sério desta vez. Nós conversaríamos sobre o filho dele.

– Se a gente conversar, posso lambe-lo depois? – perguntou com os olhos semicerrados, enquanto eu me esforçava para conter um estremecimento.

Ele sabia que sempre que quisesse me beijar lá embaixo, eu estaria disposta e pronta. Eu havia provado isso quando me abri para ele em cima do balcão da cozinha dois dias antes.

– Kiro, estou falando sério.

Ele se recostou e lambeu do meu pescoço até a orelha.

– Meu anjo, eu sempre estou falando sério quando se trata de lambe-lo.

Meu Deus, esse homem!

– É sobre o seu filho – disparei antes que ele me fizesse esquecer.

Kiro ficou paralisado.

– Eu conversei com Mary Ann. Ela disse que nós podíamos ir visitar Mase. Ou só você. O que preferir. Mas ela está disposta a deixar você ver Mase e ter um relacionamento com ele.

Kiro se afastou lentamente do meu pescoço e voltou o olhar para a janela. Ele não queria me encarar. Estava com o maxilar contraído. Eu sabia que havia uma boa chance de estar forçando demais a barra ao ligar para Mary Ann. Que ele ficaria furioso. Mas eu o amava e desejava que ele olhasse para trás um dia e sentisse orgulho da vida que vivera. Kiro era um astro aos olhos do mundo, mas eu gostaria que ele fosse um astro aos próprios olhos.

– Por que fez isso? – perguntou, com a voz tensa.

– Porque eu amo você e quero que conheça seu filho. Estarei com você a cada passo do caminho. Vou ficar ao seu lado, mas o homem que eu conheço...

Eestendi a mão e a pousei sobre seu coração.

– Este coração é lindo. E eu sei que você quer conhecer o seu filho. Você não pode me dizer que não. Não vou acreditar.

Kiro fechou os olhos com força.

– Porra, Emily!

Eu me aproximei e passei os braços ao redor do pescoço dele.

– Mary Ann é muito legal. Gostei muito dela. Não tem nada a ver com Georgianna. Acho que, em outro momento, ela poderia ter feito você feliz. Mas vocês têm um filho juntos agora. Não perca essa história.

Os braços dele finalmente me envolveram.

– Ninguém além de você poderia me fazer feliz. O seu amor é o que faz minha vida valer a pena, Emily. E se você quer que eu conheça o garoto, então vou conhecê-lo. Mas não vou brincar de família com eles. Você será minha única família. Você e os filhos que tivermos juntos. Posso amar o garoto, mas a mãe dele não significa nada para mim. Você sabe disso, não sabe?

Ele disse que os filhos que eu der a ele serão a nossa família. Eu ansiava por isso também. E muito. Mas ele tinha outra família. Estava na hora de encarar a situação e aceitá-la.

– Ela é a mãe do seu filho. No fundo, isso significa alguma coisa, mas eu estou bem quanto a isso. Eu sei que você me ama. Não duvido nem por um minuto.

– Se você for comigo, eu vou. Quero que meu filho conheça você também.

Eu gostaria de ir e Mary Ann pareceu concordar com isso. Ela inclusive apoiou a ideia.

– Eu quero conhecê-lo. Ele será parte da nossa vida, Kiro. Nós podemos amá-lo também. Há amor suficiente em nós dois para isso.

Kiro suspirou e me puxou para junto dele.

– Quando penso que já conheço toda a beleza que existe dentro de você, descubro ainda mais. Como, afinal, eu consegui fazer você me amar?

– Você viu *Indiana Jones* comigo – eu disse.

Porque, naquele dia, vi o verdadeiro Kiro, o que existe além do astro do rock. Ele não me dispensou por ser virgem, mas respeitou isso. E então fez com que me sentisse acolhida.

Ele riu.

– Não me dê nenhum prêmio por isso, meu anjo. Eu era egoísta demais para deixar você ir. Eu teria assistido a todos os filmes água com açúcar do mundo se isso significasse conseguir manter você perto de mim por mais algum tempo. Sorte minha você ter bom gosto para filmes.

KIRO

Mase era a minha cara. Emily se apaixonou por ele à primeira vista. Então Mary Ann se apaixonou por Emily no instante em que viu meu anjo falar com Mase e brincar com ele como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Foi estranho ver uma transa de uma noite só, de quem mal me lembrava, ser mãe de uma criança – que, sem dúvida, era minha.

Ver Emily com ele plantou uma semente de desejo em mim. Eu queria isso com Emily. Desejava uma família com ela. Adoraria vê-la brincando no chão e dando risada com nosso garotinho.

Meu anjo tinha razão. Eu poderia amar aquele menino. Ele era meu. Eu não queria decepcioná-lo. Gostaria de ser parte da vida dele. Pensei em Dean e no modo como ele participava da vida de Rush, mesmo odiando Georgianna. Pelo menos eu não odiava a mãe de Mase. Apenas não a conhecia.

Emily poderia ter um relacionamento com Mary Ann. A mim caberia apenas conhecer o meu menino. Porém, mais do que qualquer coisa, eu queria que Emily carregasse um filho nosso na barriga. Adoraria sentir nosso bebê dentro dela e saber que ele havia sido feito por nós. Então, ela seria minha para sempre. Os dois seriam.

Eu havia contratado um avião particular para nos levar para o Texas e, quando nossa visita terminou, abracei Mase e disse que o veria em breve, pois Mary Ann e Emily haviam combinado alguns horários de visita.

Emily ficou sorrindo de orelha a orelha durante todo o trajeto de volta ao aeroporto. Ela não parou de falar sobre quanto ele era parecido comigo e como havia ficado me observando com um olhar sério. Lembrou quando ele bateu palminhas e ficou empolgado com os cavalos. Tudo o que Mase fez a deixou encantada.

E, caramba, fiquei ainda mais apaixonado por aquela mulher. Eu não achava que isso fosse possível. Mas, aparentemente, quando se tratava de Emily, poderia me apaixonar mais a cada dia. Havia muitas coisas nela para se amar.

Mantive a mão em suas costas enquanto entrávamos no avião. Eu gostava de tocá-la. Mary Ann notou isso e sorriu para mim. Ela pareceu feliz por eu ter encontrado Emily. Era estranho, mas essa foi outra sensação boa. Talvez eu pudesse ser amigo de Mary Ann, afinal.

– Estou tão feliz que tenhamos vindo – disse Emily pela décima vez, afundando em um dos sofás de couro do jatinho.

– Você já disse isso – provoqueei. Eu a levantei e a coloquei no colo.

- Você foi ótimo com ele – falou enquanto eu mordiscava seu pescoço.
- Você também – respondi, porque ela foi realmente incrível com ele.

Eu tinha certeza de que Mase havia gostado mais dela do que de mim. Deslizei a mão por entre suas coxas.

– Eu não parei de pensar em você grávida de um filho meu. Fiquei de pau duro com essa ideia. Gosto de saber que podemos gerar uma vida juntos, que você pode me dar um filho. Uma criança que será parte de nós dois.

Ela ficou tensa nos meus braços e se virou para mim.

– Eu não posso... eu jamais poderia fazer isso. Minha mãe já está preocupada comigo, mas isso a deixaria arrasada.

Que porra era essa?

– A sua mãe não quer que você tenha filhos? Ou ela não quer que você tenha filhos comigo?

Emily suspirou e deitou a cabeça no meu peito.

– Minha mãe quer que eu tenha filhos um dia. Mas ela espera que eu esteja casada quando tiver.

Não soube o que dizer. Casada? Eu nem havia cogitado essa possibilidade. Ficaria com Emily para sempre. Isso era certo. Mas não havia pensado no fato de que precisávamos nos casar. Não era algo que as pessoas do meu mundo costumavam fazer, porque, quando faziam, sempre terminava mal.

Emily jamais se divorciaria de mim. Eu não deixaria. A ideia de meu anjo querer me deixar algum dia era apavorante. Mas casamento?

– Não estou pronta para me casar agora, Kiro. Relaxe. Não é isso que estou dizendo. Só estou tentando explicar que esse papo sobre bebês está fora de cogitação para mim. Vou fazer isso um dia, quando estiver casada.

Um dia quando ela estiver casada. Emily não disse quando nós estivermos casados. Dane-se! Meu anjo não se casaria com ninguém além de mim. Nunca. Ela era minha.

Eu a empurrei no sofá e comecei a tirar sua roupa. Precisava lembrá-la de que ela pertencia a mim, de que havia conquistado meu coração e que eu não podia mais viver sem ela. Essa merda sobre casar um dia era foda. Emily se casaria um dia e seria comigo! Carregaria os meus filhos na barriga. Minha. Ela era toda minha.

– Kiro? – falou Emily, nervosa, enquanto eu tirava sua roupa rapidamente.

– Abra as pernas para mim – murmurei.

O pânico em minha voz era claro.

Ela abriu as pernas e eu a possuí imediatamente.

– Ah, isso! – gemi, enquanto ela acolhia meu pau. – Minha. Emily é minha. De ninguém mais. Sempre só minha.

Eu cantava como um louco quando comecei a entrar e sair dela.

– Sim, Kiro, eu sou sua – garantiu.

Quando ela enroscou uma perna ao redor da minha cintura e a prendeu, eu soube que meu anjo estava quase lá. Deslizar para dentro e para fora de seu calor molhado fazia tudo no mundo ficar bem. Ela consertava tudo o que havia de errado.

– Meu anjo – murmurei de novo, quando o corpo dela começou a tremer e o orgasmo a fez prender meu pau, me fazendo gozar com ela. – Eu amo você! – berrei, gozando dentro dela.

Quando baixou minha adrenalina, eu a segurei nos braços. Continuei dentro dela. Gostava de ficar assim, conectado a ela. Tranquilizava todos os meus medos.

EMILY

Mase veio passar dois fins de semana conosco naquele verão. Era difícil para Mary Ann ficar longe dele por muito tempo, mas ela estava determinada a deixar que Mase e Kiro tivessem um relacionamento. Isso também lhe permitia ter tempo para si própria. Estava inclusive namorando.

No final do verão, Georgianna deu à luz uma menina. Ela informou que havia feito um exame de paternidade e que Nannette não era filha de Kiro. Porém, algo me dizia que ela estava mentindo. Mas Kiro se recusou a insistir em ver o resultado do exame. Ele acreditava que a menina fosse filha do ex-noivo de Georgianna. Eu ia fazê-la mostrar o resultado do exame quando Kiro me escutasse. Mas naquele momento eu estava deixando que ela se acostumasse com a nova vida, com a neném recém-nascida e Rush.

Era uma batalha da qual eu havia desistido.

Ao longo dos seis meses seguintes, Mase se tornou parte da nossa vida. Fomos ao zoológico e o levamos a um jogo de basquete. Passamos tardes na praia quando o clima estava quente. Toda vez que Mase sorria para o pai, eu sentia o coração explodir. Adorava vê-los juntos.

Georgianna nunca mais apareceu. Dean precisava viajar para buscar Rush. Ela estava com um bebê agora e se recusava a levar o menino até o pai. Ele não parecia se importar e Kiro preferia assim. Ele ainda odiava aquela mulher.

Quando os rapazes precisavam trabalhar em uma nova canção ou na gravação do novo álbum durante as visitas de Rush e Mase, eu tomava conta deles. Os dois pequenos haviam roubado um pedaço do meu coração.

Maio de 1993

EMILY

A turnê de verão da Slacker Demon estava começando. A banda havia recebido outro disco de platina, agora pelo álbum mais recente. Eu estava preparada para viajar com Kiro. Ele se recusava a ser de outro jeito. Dean havia convencido Trac, Brit e Dash de que, sem mim, Kiro não iria prestar. Que todos eles precisavam da minha presença para conseguir levar a turnê adiante.

Havíamos passado o fim de semana com Mase e eu sentiria falta dele ao longo dos quatro meses seguintes. Kiro também pareceu um pouco triste ao vê-lo ir embora. Ele estabelecera um vínculo com o filho durante o ano anterior e eu me sentia muito feliz por isso.

Agora, Mase já estava falando muitas palavras. Era encantador. Ele me chamava de “Emmy”, exatamente como Rush. Kiro adotara o mesmo apelido, passando a me chamar mais de Emmy do que de Emily. Mary Ann estava em um relacionamento sério, mas Kiro não parecia se importar com isso. Ele me deixava ser amiga dela, mas raramente falava com a mãe de seu filho.

Saí da cama antes de o sol nascer. Meus olhos haviam se aberto de repente e as ondas de náusea que senti um dia antes haviam voltado. Cheguei ao banheiro bem na hora. Por sorte, Kiro dormira o tempo todo no dia anterior. Eu atribuíra o mal-estar a algo que tivesse comido, mas voltei a sentir enjoo depois de ter ficado bem por cerca de 24 horas. Eu não podia estar com alguma virose justo agora. Não quando deveríamos sair para a turnê naquela tarde.

Eu precisaria ficar para trás. Kiro ficaria muito chateado. Sinceramente, eu também. Sentia sua falta sempre que ficávamos longe um do outro, nem que fosse por algumas horas durante os ensaios. Raramente nos separávamos e me doía a ideia de não ficarmos juntos. Assim como ele, eu também não gostava dessa perspectiva. Mas, agarrada ao assento do vaso sanitário, soube que não conseguiria voar naquele dia. Precisava ir a um médico.

Senti a presença de Kiro antes que ele dissesse alguma coisa. Dei a descarga e peguei uma toalha para limpar o rosto. Então me virei em sua direção. Ele me observava com preocupação e medo naquele rosto lindo. Da última vez que fiquei doente, tive amigdalite. Quem visse o modo como ele permaneceu ao meu lado poderia imaginar que eu estava no leito de morte. Não saía de perto de mim e ficava segurando minha mão mesmo durante o sono.

– Acho que é melhor eu ir ao médico e me encontrar com vocês mais para o final da semana – falei, tentando parecer corajosa.

Se ele pensasse, mesmo que por um instante, que eu estava chateada, ficaria comigo. Todos os shows estavam com os ingressos esgotados, começando pela apresentação da noite seguinte, em Boston. Ele precisava ir.

– Eu não vou viajar sem você – respondeu simplesmente, começando a molhar uma toalha com água fria antes de se abaixar do meu lado e limpar meu rosto com ela. – Não posso viajar com você doente. Você sabe disso. E eles também.

– Boston – falei, com a voz fraca, querendo voltar me arrastando para a cama e me deitar.

Eu estava cansada.

– Dane-se Boston! Não vou deixar você.

Ele precisava ir. Portanto, eu tinha que melhorar.

– Sinto muito. Vou ficar bem. Deixe eu descansar. Até de tarde estarei pronta para viajar.

Kiro não pareceu convencido.

– Vou chamar um médico em casa – decidiu, ficando de pé e se abaixando, em seguida, para me pegar no colo.

– Não estou doente a ponto de não conseguir andar – disse a ele, achando graça.

– Se meu anjo está vomitando, não vai caminhar – respondeu, me levando para a cama.

Deixei que ele me cobrisse e em seguida ganhei um beijo na testa.

– Vou chamar um médico. Você fica aqui descansando.

Abri a boca para discutir, mas ele saiu do quarto antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa. Kiro cancelaria a turnê se houvesse algo errado comigo. Eu precisava ficar bem, ou o mundo todo iria me odiar. Eu seria o motivo do cancelamento da turnê da Slacker Demon. A gravadora ficaria furiosa. Seria uma tragédia. Eu precisava melhorar.

KIRO

O médico havia me mandado sair do quarto, o que não fazia sentido algum. Ele disse que precisava conferir uma coisa e que seria mais fácil se eu aguardasse do lado de fora. O apelo suave de Emily foi o único motivo pelo qual saí, mas já havia cansado de esperar.

Era a minha mulher e a droga do meu quarto. Eu ia entrar. Abrindo a porta com força, primeiro encontrei Emily e me certifiquei de que meu anjo estava bem. Havia um sorriso nervoso em seus lábios quando ela se sentou na nossa cama imensa, que a fez parecer pequenininha.

– O que há de errado com ela? – perguntei ao médico, dando passos largos até estar perto de Emily novamente.

Precisava tocar nela. Lembrar a mim mesmo que ela estava bem. Meu anjo estava bem.

– Não há nada de errado. Ou, pelo menos, eu espero que não – respondeu ele em um tom alegre.

Desviei o olhar da expressão de Emily para o médico. Que diabos aquilo queria dizer?

– O que foi? – perguntei, frustrado com a resposta.

– Vou deixar vocês dois a sós. Emily poderá contar os detalhes – respondeu dando uma piscadela para ela, arrumando a maleta e saindo do quarto.

– O que ele quis dizer? – perguntei, indo até o lado dela e examinando seu rosto atentamente.

Ela respirou fundo, então levou a mão até a barriga, posicionando-a como se estivesse protegendo alguma coisa. Meu coração congelou e eu fiquei encarando a mãozinha dela. Olhei novamente em seus olhos e fiquei esperando.

– Estou grávida – disse baixinho, com os olhos se enchendo de lágrimas e um sorriso enorme se abrindo em seu rosto. – Nós vamos ter um bebê.

Meu coração voltou a bater com muita força. Dei um grito alto e a puxei para os meus braços. Nós não estávamos tentando. Nem sequer havíamos voltado a falar sobre o assunto desde nossa primeira visita a Mase. Mas eu vinha sonhando acordado com isso. Pensava em formas de pedi-la em casamento e imaginava a vida de marido e pai. Eu só queria viver essa vida com Emily e o nosso bebê.

Azar do caramba essa turnê!

Eu a beijei enquanto cobria sua mão com a minha.

– Meu. Isto é meu – disse enquanto a beijava, segurando-a junto ao meu corpo. – Case comigo, Emmy. Quero que você seja minha mulher e que tenha o meu nome. Eu estava esperando pelo momento certo, quando eu tivesse o anel perfeito, mas não consigo pensar em nada mais ideal do que aqui e agora.

– Sim – respondeu, me beijando de volta. – Sim, sim, sim!

Apertei suas costas e levantei a blusa para poder acariciar sua barriga.

– Amo você, Emily. Sempre vou amar. Nesta vida, na próxima e na outra. Eu sempre vou amar só você.

A risada suave dela tomou conta do quarto.

– Nós só temos uma vida – disse.

Balancei a cabeça.

– Eu não acredito nisso. Não vou aceitar. Eu quero um milhão de vidas com você. Você é o meu paraíso.

– Nossa, Kiro, você diz as coisas mais fofas do mundo.

Ela deslizou as mãos pelos meus cabelos.

– Posso comer você agora? – provoquei.

Ela levantou o quadril em resposta. Arranquei sua calcinha e beijei-a dos pés até a parte interna da coxa. Ela era a minha casa.

Fevereiro de 1994

KIRO

Ela era minúscula e perfeita. Igualzinha à mãe. O que era algo louco de dizer, porque até aquele momento, eu achava que todos os bebês se pareciam uns com os outros. Mas aquela neném não era uma criatura toda amassada. Ela era linda. Até mesmo seus lábios se pareciam com os de Emily.

– Aqui está o seu papai – sussurrou Emily para o pacotinho rosa em seus braços.

Os médicos a haviam levado para fazer alguns exames logo depois do nascimento. Estavam preocupados com o coração, o que me deixava apavorado. Emily segurou minha mão e me garantiu que nossa menininha ficaria bem. Ela rezou para Deus e estava certa de que ele salvaria o nosso bebê. Eu gostaria de ter a mesma fé.

– Harlow Manning, conheça o papai mais maravilhoso do mundo. Sorte sua ter um papai como ele – disse Emily ao estender a menininha que havíamos feito juntos para eu pegar no colo.

Emily tinha me dado uma filha. Nossa filha. A aliança de diamante cintilou em seu dedo sob as lâmpadas fluorescentes do quarto do hospital. Seis meses antes, ela subira ao altar de uma igreja na Carolina do Sul e me jurou amor eterno. Eu pensei que aquele havia sido o dia mais feliz da minha vida. Mas a emoção de segurar aquele pacotinho cor-de-rosa nos braços, enquanto a mãe dela olhava para mim com tanto amor, não poderia ser superada, nem mesmo pelo dia do nosso casamento.

– Ela parece com você – comentei, observando o rostinho da nossa filha.

– Eu vejo você nela também.

Achei que Emily estivesse imaginando coisas, mas não me importei. Eu queria que minha filha fosse parecida com a mãe. Eu teria dois anjos neste mundo agora.

– Vou mantê-la segura. Vou manter vocês duas em segurança. Minhas meninas sempre serão as pessoas mais importantes da minha vida. Nada jamais virá antes de vocês. Eu juro.

Emily riu.

– Eu acredito.

– Obrigado por isto. Por ela. Por me dar esta vida.

Ela estendeu a mão e tocou minha cintura.

– Eu amo você, Kiro Manning. Obrigada por me mostrar o homem que ninguém mais consegue ver.

Aninhei minha filha no meu peito e sentei na beirada da cama. Eu tinha tudo na vida agora. Não precisava de mais nada. Aquilo era tudo que eu desejava. Tudo o que poderia querer. Minha vida estava completa. Meu mundo estava perfeito. E nada jamais tiraria aqueles dois anjos de mim.

A porta se abriu atrás de nós e um médico que eu tinha visto mais cedo com Harlow entrou no quarto.

– Sou o Dr. Gavins, o pediatra de plantão esta noite, e examinei Harlow mais cedo. Temos algumas preocupações. Detectamos um sopro cardíaco e, embora isso possa não ser nada de

mais, precisamos fazer mais alguns exames. Vou transferi-la para a UTI neonatal. Ela deve ser monitorada pelos equipamentos adequados.

EMILY

Kiro segurou minha mão entre as suas enquanto recebíamos a última atualização sobre Harlow. Como eu tivera alta do hospital no dia anterior, Kiro conseguiu um quarto para usarmos enquanto nossa filhinha permanecesse lá. Não podia deixá-la. Eu me recusei a sair. Minha neném precisava de nós.

– Ela estava azul – disse Kiro lentamente, como se a situação estivesse começando a fazer sentido.

Havia um fluxo excessivo de sangue do lado esquerdo para o direito do coraçãozinho dela. Harlow estava tendo dificuldade para respirar. Inspirei profundamente, como se pudesse respirar por ela. Havia feito isso durante nove meses. Eu a queria de volta dentro de mim, onde ela estava a salvo. Protegida.

– Ela vai ficar bem – eu repetia na tentativa de acalmá-lo e de convencer a mim mesma.

Deus não nos daria essa menininha para amar e depois a arrancaria de nós dessa maneira. Eu simplesmente não acreditava que Ele pudesse ser tão cruel.

– Cateterismo cardíaco é assustador demais, Emmy. Por que não podemos segurá-la? Ela deve estar assustada.

Eu não sabia o que dizer. Estava esperando pacientemente que minha mãe chegasse. Ela havia planejado vir me ajudar quando eu levasse Harlow para casa. Mas eu queria a minha mãe agora. Então Kiro pagou a passagem de avião e a estava trazendo para mim.

– Harlow sabe que nós a amamos. Ela pode sentir.

Eu tinha que acreditar nisso também. Precisava que ela soubesse que eu a amava.

– Ela é tão pequenininha, caramba! Se isso não funcionar, eles querem... querem... porra! Eu não consigo nem dizer.

Se o procedimento não funcionasse, Harlow teria que passar por uma cirurgia. Possivelmente a primeira de várias que aconteceriam antes mesmo que completasse 3 anos. Os médicos haviam nos explicado todo o processo ao longo dos últimos dias. Nós tínhamos que nos desinfetar e usar máscaras para vê-la três vezes por dia. Ao fim desses períodos de visitação, precisávamos deixá-la mais uma vez. E eu chorava em todas essas ocasiões.

Kiro me abraçava e ficávamos esperando até podermos vê-la de novo.

– Harlow é uma Manning. Ela é forte, teimosa e amada. Vai ficar bem – eu disse em voz alta.

Precisava que fosse assim. Eu acreditava nisso. Alegava isso e não deixaria que não fosse verdade.

Janeiro de 1995

EMILY

Fiquei olhando minha filhinha caminhar na minha direção. Ela não estava perfeitamente equilibrada, mas estava andando. Algo que não deveria estar fazendo ainda. Os médicos diziam que Harlow iria se desenvolver mais tarde do que outras crianças da mesma idade, mas ela aprendeu a andar aos 9 meses. Nada do que eles haviam previsto aconteceu. Harlow era muito pequena para a idade, mas parecia saudável.

– Onde estão as minhas meninas?

A voz de Kiro ressoou pela casa e Harlow começou a bater palminhas ao ouvi-lo. Eu não sabia quem idolatrava mais a quem, Kiro ou Harlow.

– Aí estão elas – disse Kiro, entrando na sala e se abaixando para pegar a filha que foi andando feito uma patinha até o pai o mais rápido que conseguia.

Ele a pegou no colo e beijou sua barriga, fazendo-a dar risada enquanto os dois afundavam no sofá ao meu lado.

– Olá, meu anjo – falou, beijando-me como se não me visse há uma semana.

– Pa-pa-pa... – começou a cantarolar Harlow, querendo a atenção dele.

Dando risada, interrompi o beijo e sorri para a nossa menina, que agora estava dando beijos babados de boca aberta no rosto do pai.

– A vida é boa quando se pode voltar para casa e receber todo esse amor – disse Kiro beijando Harlow embaixo do pescoço e fazendo-a dar gritinhos de alegria.

– Acho que ela sentiu a sua falta – falei, estendendo a mão para enrolar um dos cachos escuros no meu dedo.

Harlow tinha o cabelo mais sedoso do mundo.

– Eu também senti falta da minha menininha. E senti falta da mamãe dela. E muito! Mal posso esperar para pegar essa mamãe nua mais tarde. Tenho planos para aquela bo...

Cobri sua boca com a mão antes que ele continuasse. Kiro podia ser o melhor pai do mundo, mas ainda se esquecia de que não era legal falar palavrões e mencionar minhas partes íntimas na frente de Harlow.

Ele mordiscou meus dedos e afastou minha mão.

– Fale direito – pedi, sorrindo.

– Senti a sua falta. Só isso – respondeu ele, fazendo um beicinho para consertar seu deslize.

– Eu também senti a sua falta. E esta noite podemos passar um tempo juntos.

Harlow pôs a mãozinha no rosto de Kiro como eu havia feito e ele fingiu morder seus dedinhos também, fazendo-a dar risada.

Na semana seguinte, ficaríamos com Mase enquanto Mary Ann estivesse em lua de mel. Como ainda não podíamos viajar com Harlow, perdemos o casamento, mas minha mãe iria até o Texas buscar Mase para passar a semana conosco. Eu estava ansiosa para ficarmos todos juntos como uma família. Mase estava com quase 5 anos e eu jamais iria querer que ele achasse que não cabia na nossa família. Eu amava aquele menininho como se fosse meu.

– Vou estar supercarente nos próximos dias, já que ficaremos com os dois filhos na semana que vem. Mase por aqui nos deixará ainda mais ocupados. E eu sinto falta da minha boc...

Cobri sua boca mais uma vez antes que ele completasse a frase.

Harlow começou a bater palminhas de novo. Nós havíamos dito a palavra mágica: Mase. Ela adorava o irmão mais velho que, por sorte, correspondia ao afeto. Quando ela ainda era um bebê frágil, ele cantava e contava histórias sentado no chão ao lado do berço. Mase se preocupava com ela e sempre ligava para falar com Kiro e comigo, querendo saber se a irmãzinha estava bem.

Agora que Harlow podia brincar, Mase lhe dedicava toda a sua atenção quando estava conosco. E ela o adorava.

– Eu falei Mase, não foi? – disse Kiro sorrindo.

Assenti com a cabeça.

– Foi – respondi.

Harlow estava olhando ao redor como se estivesse procurando o irmão.

Dei risada e me inclinei na direção de Kiro.

– Eu amo você – falei para ele.

Embora já tivesse lhe dito isso duas vezes naquele dia. Primeiro, de manhã, ainda na cama; depois, novamente ao telefone mais tarde.

– Amo você ainda mais – respondeu, beijando minha cabeça. – Sempre amo você mais.

Dezembro de 2014

KIRO

Acredito que, a cada vida, recebemos uma alma gêmea. Não me entenda mal, acho que uma pessoa pode se apaixonar mais de uma vez. Mas encontrar sua cara-metade é algo completamente diferente. A gente não apenas ama essa pessoa, a gente a adora. Essa pessoa é o nosso mundo. O nosso motivo de viver. A única coisa nesta existência que fará tudo ficar bem. Quando encontramos nossa alma gêmea, encontramos nosso propósito. Amar essa pessoa. Desfrutar a vida com ela.

O problema de tudo isso é: o que acontece quando perdemos nossa cara-metade? Quando essa única pessoa que vamos amar por toda a eternidade nos é tirada? Ficamos destruídos. Despedaçados. Perdemos uma parte de nós que jamais conseguiremos recuperar. Ninguém é capaz de nos curar. Ninguém pode assumir o lugar da nossa alma gêmea. Aquela pessoa será eternamente a nossa outra metade. Nosso único amor verdadeiro.

Minha vida começou dura. Minha infância foi uma droga. Mas consegui vencer os tempos difíceis e fazer o mundo acreditar que eu era um astro do rock. Eu estava perdido, embora tivesse mais dinheiro do que qualquer ser humano precisasse ter. Eu alcancei uma fama que poucas pessoas conseguem obter. Mas eu estava perdido.

Até encontrar Emily.

Ela me modificou. Ela me mostrou a cor da vida, me deu um motivo para amar tudo o que eu tinha recebido. Meu anjo me amava como ninguém jamais havia me amado. Emily é a minha alma gêmea. Nesta vida e na próxima, ela será a única que me completa.

No dia em que recebi a ligação dizendo que ela havia sofrido um acidente de carro, achei que eu não conseguiria sobreviver. Como eu seria capaz de seguir em frente quando a mulher com a qual eu fui destinado a passar a vida não estava mais aqui?

Recebi mais um milagre. Ela resistiu. Ao longo de cinco anos em coma, meu anjo não parou de lutar. Seus olhos se abriram, e embora neles haja um vazio no lugar onde antes costumava ficar a luz da minha Emmy, ela está lá dentro. Sua alma, seu coração, a forma como me ama ainda estão dentro dela.

Após o acidente de Emily, eu desmorenei durante anos. Perdi o contato com a realidade. As drogas e o álcool se tornaram minhas muletas. Minha filha foi criada pela avó materna. Não fui capaz de ser pai. Mal estava dando conta de ser humano.

Agora, vinte anos depois, estou sentado ao lado da minha mulher com sua mão suave e frágil na minha. Estamos olhando para o lago, enquanto eu conto a ela histórias do nosso passado. Eu a lembro de quanto a amo. Reafirmo que a amarei na próxima vida também. Mesmo que ela não consiga mais falar e que seu corpo não funcione como um dia funcionou, dentro dele está a minha Emmy. Ela recorda nossas aventuras juntos. Sabe que, mesmo que por pouco tempo, nós tivemos tudo.

A batida na porta atrás de nós me faz sorrir. Eles estão aqui.

– Temos visita, Emmy. Nossa neta está aqui para nos ver. Você está pronta? Ela é muito

parecida com Harlow quando pequena.

Vejo o que acredito ser um sorriso tocando seus lábios. Dou um beijo em seu rosto e o seguro em minhas mãos. Esta mulher é a minha salvação. Ela é a minha âncora neste mundo.

– Meu anjo – sussurro, lembrando-a quem ela é para mim.

Então a porta se abre e nossa filha entra segurando um pacotinho rosa nos braços.

AGRADECIMENTOS

Primero e acima de tudo, quero agradecer a meus leitores. Sem eles, eu não estaria onde estou. Seu amor pelos personagens de Rosemary Beach transformou o que deveria ser um único livro em uma série que mudou a minha vida.

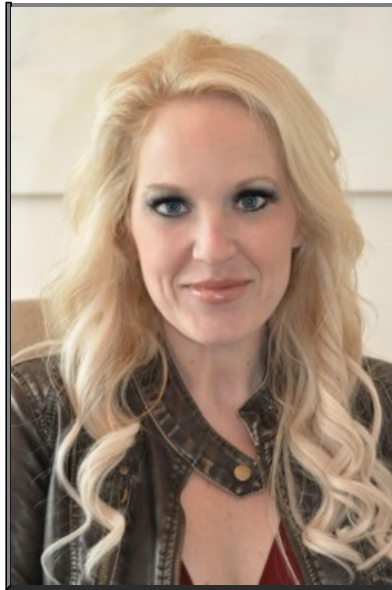
Obrigada também à minha família, por me apoiar e compreender meus horários malucos e as horas que passo trancada escrevendo. Eu não poderia me ausentar dessa forma sem saber que aqueles a quem mais amo no mundo me dão cem por cento de apoio. E à minha agente, Jane Dystel, sem a qual eu não conseguiria navegar por essas águas.

Agradeço à minha editora, Jhanteigh Kupihea, que suporta meus atrasos e me ajuda a deixar cada história o melhor possível. Sou grata por ter alguém com quem consigo trabalhar tão bem e que me escuta.

Ao restante da equipe na Atria, obrigada! A todos vocês. Adoro trabalhar com pessoas tão incríveis.

E ao Exército da Abbi, um grupo de leitores que se reuniu por conta própria para me dar apoio. Não gosto de chamá-los de equipe de rua, porque, para mim, eles são muito mais. Eles me lembram diariamente da razão por que escrevo livros. Seu apoio significa mais do que consigo expressar em palavras. Então, obrigada, Exército, por tudo.

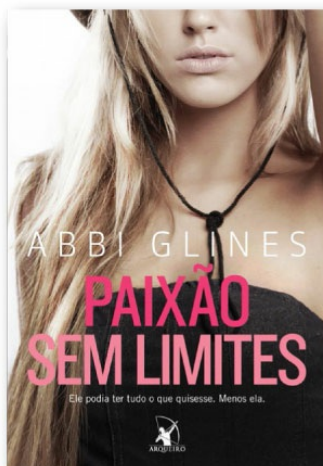
SOBRE A AUTORA



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, Abbi é viciada no Twitter ([@abbiglines](https://twitter.com/abbiglines)) e escreve regularmente no seu blog: www.abbiglines.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

Paixão sem limites
(Série Sem Limites – livro 1)



Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a morte dela, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que pode mudar para sempre as suas vidas.

Tentação sem limites
(Série Sem limites – livro 2)



A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la?

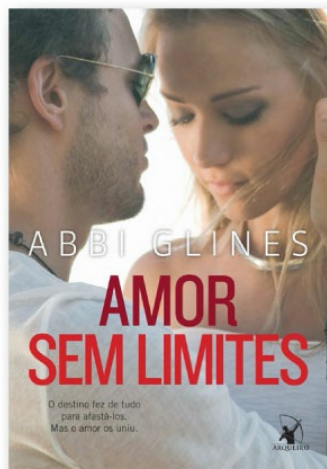
O terrível segredo de Rush Finlay.

Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo.

Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente.

Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

Amor sem limites
(Série Sem Limites – livro 3)



Blaire Wynn conheceu Rush Finlay num momento muito difícil da vida dela, logo depois de perder a mãe e a casa em que morava. Filho de um astro do rock, Rush vivia num mundo de luxo, sexo sem compromisso e total despreocupação com o futuro. Exatamente o oposto de tudo o que Blaire conhecia.

Mesmo com tantas diferenças, a paixão entre os dois foi arrebatadora. Porém Rush guardava um segredo de sua família que levou ao fim do namoro – e a um período de tristeza absoluta para o casal. Mas eles já não sabiam viver um sem o outro e cederam de novo àquele sentimento irresistível.

Agora eles estão felizes e planejam se casar. Mas nem tudo está garantido. O pai de Rush chega trazendo más notícias e novamente os antigos problemas de família podem fazer com que os dois se afastem.

Estranha perfeição



Della Sloane não é uma garota comum. Ansiando se libertar do seu passado sombrio e traumático, ela planeja uma longa viagem de carro em busca de autoconhecimento e dos prazeres da vida real. Seu plano, no entanto, logo encontra um obstáculo: o automóvel fica sem gasolina em Rosemary, na Flórida, uma cidadezinha praiana no meio do nada.

Neste cenário, ela conhece o jovem Woods Kerrington, muito disposto a ajudar uma menina bonita em apuros. O que ela não sabe é que Woods é o herdeiro do country club Kerrington e está de casamento marcado com Angelina Greystone, uma união arranjada que culminará na fusão de suas empresas, garantindo o futuro profissional do rapaz.

Uma noite despreocupada parece a solução perfeita para Della e Woods fugirem por um tempo de tanta pressão. Do passado que ela gostaria de esquecer. Do futuro de que ele tantas vezes tentou escapar.

Mas eles não poderiam prever que a atração os levaria a algo mais quando os seus caminhos se reencontrassem. Agora precisam aceitar suas estranhezas para descobrirem a perfeição.

Simples perfeição



Woods teve sua vida traçada desde o berço. Cuidar dos negócios da família, casar com a mulher que os pais escolheram, fingir que riqueza e privilégios eram tudo de que ele necessitava. Então a doce e sensual Della apareceu e conquistou seu coração, abrindo seus olhos para um novo futuro.

A vida do casal seguia para um final feliz, até acontecer um imprevisto: a morte do pai de Woods. Da noite para o dia, o rapaz herda o império Kerrington e, embora sempre tenha almejado essa posição, precisará de toda ajuda possível para provar que está à altura de tanta responsabilidade.

Della está determinada a ser o apoio de que Woods necessita, mas os fantasmas do passado ainda estão presentes e mais intensos do que nunca. Pressionada pela ex-noiva e pela mãe de Woods, ela toma a decisão mais difícil de sua vida: abdicar da própria felicidade pelo homem que ama.

Mas os dois terão a força necessária para seguir em frente um sem o outro?

Concluindo a sedutora história de Woods e Della, *Simples perfeição* é o romance mais surpreendente de Abbi Glines e mostra que encontrar alguém pode ser um golpe do destino, mas descobrir a perfeição ao lado dessa pessoa requer aceitar a si mesmo e superar os piores obstáculos a dois.

A primeira chance



Harlow é uma jovem incomum. Filha de um astro do rock, a garota bonita e inocente nunca se aproveita da fama do pai e prefere levar uma vida sossegada. Mas seus dias de tranquilidade terminam quando ele sai numa longa turnê de nove meses e ela vai passar esse tempo na Flórida com sua meia-irmã Nan.

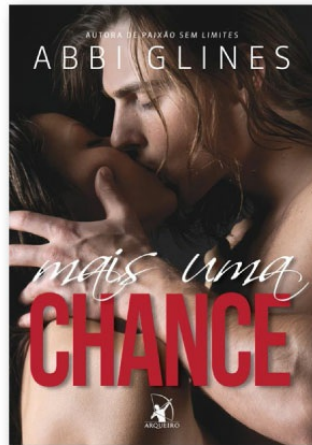
O problema é que Nan a odeia. Acostumada a ser o centro das atenções, ela morre de inveja de Harlow, que, além de ser a queridinha do pai, atrai os olhares masculinos por onde passa.

Harlow não entende por que Nan a maltrata tanto, mas acha melhor se esconder atrás de seus livros e passa o maior tempo possível no quarto para não correr o risco de provocar sua ira. Porém seus planos vão por água abaixo quando ela esbarra com Grant Carter de cueca na cozinha.

Grant cometeu um erro terrível ao passar uma noite com Nan, sua ex. Ela conhece seus pontos fracos e sabe seduzi-lo, mas ele se arrepende por ter caído em tentação. E logo no dia em que conhece Harlow, a garota que faz seu coração acelerar.

Grant está desesperado para conquistá-la, mas será que destruiu suas chances antes mesmo de conhecê-la? Só o que Harlow quer dele é distância. Afinal, que tipo de pessoa se envolveria com uma criatura amarga feito Nan?

Mais uma chance



Grant Carter encontrou na doce e linda Harlow algo que não esperava ter: uma mulher com quem desejasse passar toda a sua vida. Para ficar com ela, precisou provar que não era apenas um playboy sedutor.

Mas quando ela lhe contou um doloroso segredo, ele se deixou levar por seus medos mais profundos e pode ter destruído sua única chance de viver um amor verdadeiro.

Desesperado por ter perdido sua paixão, Grant busca seu paradeiro, sem saber que ela se prepara para arriscar a própria vida por um sonho. Agora ele terá que conquistar a confiança de Harlow e decidir o que é mais importante: a segurança ou os sonhos da mulher da sua vida.

Nesta segunda parte da trajetória de Grant e Harlow, que começou em *A primeira chance*, Abbi Glines constrói uma história de amor surpreendente, com reviravoltas, personagens apaixonantes e um dilema que marcará o leitor para sempre.

“Uma história de amor comovente que só Abbi Glines é capaz de escrever.” – Tammara Webber, autora de *Easy*

Para sempre minha

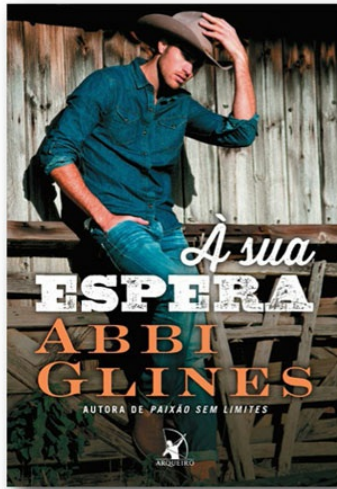


Alguns dos jovens de Rosemary Beach consideram Tripp Newark um herói. Há oito anos, ele abandonou uma vida meticulosamente planejada pelos pais para conquistar a independência. Pilotando sua Harley, Tripp desapareceu da cidade para viajar pelo mundo. E essa decisão o fez perder muito mais do que os milhões que herdaria.

Bethy Lowry está vivendo o pior momento de sua vida. Há um ano e meio, Jace, seu namorado, morreu afogado ao salvá-la de uma forte correnteza. Sofrendo um período turbulento e ainda consumida pela culpa, ela vive sua rotina de maneira automática, com a certeza de que nunca mais voltará a amar.

No entanto, sua vida está prestes a mudar. Quando tinha apenas 16 anos, Bethy teve um tórrido romance com Tripp, que é primo de Jace. Esse segredo continuaria enterrado para sempre se não fosse por um detalhe: Tripp Newark está de volta e determinado a reconquistá-la.

À sua espera



Mase sempre preferiu a vida simples em seu rancho no Texas à agitação do mundo do pai em Rosemary Beach. Na verdade, ele quase nunca visita o famoso astro do rock e Nan, sua meia-irmã mimada e egoísta. Mas tudo muda quando conhece uma das empregadas da casa, uma garota linda que, sem saber da presença dele, o desperta com seu canto desafinado.

Depois de anos sendo maltratada pela família e pelos colegas por causa de um distúrbio de aprendizagem, Reese conquistou sua liberdade e mora sozinha trabalhando como diarista para as famílias ricas da cidade. No entanto, seu sustento fica ameaçado quando ela causa um acidente na casa de Nan Dillon.

Ao ser salva por Mase, um rapaz atencioso e com charme de caubói, Reese fica surpresa pelo gesto dele e, depois, apavorada quando ele demonstra interesse nela. Nunca na vida Reese conheceu um homem em quem pudesse confiar. Será que Mase pode ser diferente?

Nessa ardente paixão que nasce entre a doce e batalhadora Reese e o centrado e sexy Mase, Abbi Glines mais uma vez mescla tristezas da vida real com amores de contos de fada e nos faz suspirar até a última página.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Kiro e Emily](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)